



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica

Andréa Di Pietro Lewkovitch

DO PRÓXIMO À ALTERIDADE NOS AUTISMOS

Rio de Janeiro

2017

Andréa Di Pietro Lewkovitch

DO PRÓXIMO À ALTERIDADE NOS AUTISMOS

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia), da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Angélica Bastos

Co-orientador: Prof. Dr. Carlos Costa

Rio de Janeiro
2017

Andréa Di Pietro Lewkovitch
DO PRÓXIMO À ALTERIDADE NOS AUTISMOS

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia), da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Presidente, Prof.^a. Dr.^a. Angélica Bastos

Prof. Dr. Carlos Costa (UFRJ)

Prof.. Dr. Fábio Malcher (UFRJ)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Elizabeth Araujo (UFF)

Rio de Janeiro

2017

CIP - Catalogação na Publicação

L669p Lewkovitch, Andréa Di Pietro
Do próximo à alteridade nos autismos / Andréa Di
Pietro Lewkovitch. -- Rio de Janeiro, 2017.
80 f.

Orientadora: Angélica Bastos.
Coorientador: Carlos Costa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2017.

1. Psicanálise. 2. Autismos. 3. Alteridade. 4.
Gozo. 5. Psicoses. I. Bastos, Angélica, orient.
II. Costa, Carlos, coorient. III. Título.

Para minha avó, Brígida.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e à FAPERJ, pelo apoio financeiro.

À Angélica Bastos, pela orientação cuidadosa, pelas intervenções precisas e pelas aulas ministradas, que muito me ajudaram a avançar nesta pesquisa.

A Carlos Costa, a quem pude recorrer nesse momento final e difícil da escrita, pelas sugestões, discussões e pela disponibilidade.

Aos professores do PPGTP, em especial à Ana Beatriz Freire, pelos debates em sala de aula, desde a graduação, que tiveram muitos efeitos em meu percurso.

A Fábio Malcher e Nuria Malajovic, pelas importantes contribuições apresentadas no exame de qualificação.

À Katia Alvares, pelos ensinamentos imprescindíveis para esta pesquisa, pela chance que tive de acompanhar sua maneira séria e respeitosa de trabalhar com crianças e adolescentes autistas.

À equipe e às crianças do CAPSi Mauricio de Sousa pela experiência que não cessa de ressoar.

À Carla, por viver mais essa etapa ao meu lado. Pelo cuidado, por todas as formas que inventou para me ajudar, pela paciência e compreensão, pelo incentivo incansável; pelo amor.

Aos meus pais e à minha irmã, pela aposta, por torcerem sempre, onde quer que eu esteja.

À amiga querida Fernanda Pougy, companhia de todas as horas, pelos grupos de estudo, por dividir inquietações e também por saber a hora de me aquietar. Pelos incontáveis momentos de diversão.

À Isabella Monteiro, pela amizade que se construiu de forma tão espontânea, pelos encontros descontraídos, pela presença quase diária e por se desesperar comigo nos momentos mais difíceis da escrita.

À Livia, Isadora, Amanda e Gabi, e Leo, que além da amizade valiosa, dividem comigo, cada um à sua maneira, os desafios de nossa escolha pela psicanálise.

A todos os amigos que me incentivaram e suportaram minhas ausências, mesmo aos mais impacientes.

RESUMO

DI PIETRO, Andréa. **Do próximo à alteridade nos autismos**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

Na presente dissertação de mestrado investigamos o estatuto da alteridade nos autismos. Em vez de uma leitura que tenha a neurose como paradigma, temos como objetivo estudar os autismos como forma original e radicalmente singular de estar no mundo. Para responder à questão: *há Outro para os autistas?*, estudamos o conceito de Outro, acompanhando suas modificações ao longo do ensino de Jacques Lacan. Para indicar que não há Outro prévio, que se trata sempre de uma construção, recorremos à premissa lacaniana segundo a qual o Outro não é o humano próximo, o *Nebenmensch* ao qual Freud se referiu. O Outro é um terreno que foi limpo de gozo. Levantamos a hipótese de que nos autismos a linguagem não operou a varredura de gozo que funda o lugar do Outro, deixando-os sob a terrível iminência de gozo do próximo. A pesquisa nos apontou diferenças no que concerne à alteridade nos autismos e nas psicoses, o que nos pareceu ter consequências importantes na clínica. Nosso procedimento consiste em acompanhar as invenções pelas quais alguns autistas puderam se proteger da iminência de gozo do próximo, construir sua imagem corporal e servir-se da linguagem, demonstrando alguma abertura ao laço social. Estudamos os conceitos de objeto autístico, duplo e Outro de síntese enquanto figuras da alteridade. Recorremos a psicanalistas contemporâneos que possuem ampla experiência na clínica com autistas, a breves recortes de nossa clínica e a valiosos testemunhos escritos por autistas.

Palavras-chave: autismos; psicoses; alteridade; gozo; Psicanálise.

RÉSUMÉ

DI PIETRO, Andréa. **Do próximo à alteridade nos autismos**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

Dans ce mémoire, nous avons investigué le statut de l'altérité dans les autismes. À la place d'une lecture qui ait la névrose comme paradigme, nous avons pour objectif étudier les autismes comme façon originale et radicalement singulière d'être dans le monde. Pour répondre à la question: *y a-t-il l'Autre pour les autistes?*, nous avons étudié le concept d'Autre, suivant ses modifications tout au long de l'enseignement de Jacques Lacan. Pour indiquer qu'il n'y a pas d'Autre antérieur, qu'il s'agit toujours d'une construction, nous recourons à la prémisse lacanienne selon laquelle l'Autre n'est pas l'humain à côté, le *Nebenmensch* auquel Freud a fait mention. L'Autre est un terrain nettoyé de la jouissance. Nous avons posé l'hypothèse que dans les autismes le langage n'a pas opéré le nettoyage de la jouissance qui fonde le champ de l'Autre, les laissant sous la terrible imminence de la jouissance de l'humain à côté. La recherche nous a pointé des différences en ce qui concerne l'altérité dans les autismes et dans les psychoses, ce qui nous semble avoir d'importantes conséquences dans la clinique. Notre procédure a consisté à accompagner les inventions à travers lesquelles quelques autistes ont pu se protéger de l'imminence de la jouissance de l'humain à côté, construire son image corporelle et se servir du langage, démontrant une certaine ouverture au lien social. Nous avons étudié les concepts d'objet autistique, double et Autre de synthèse en tant qu'aspects de l'altérité. Nous avons recouru à des psychanalystes contemporains qui ont une vaste expérience dans la clinique de l'autisme, à de repères cliniques de notre clinique et à de précieux témoignages écrits par des autistes.

Mots-clés: autismes; psychoses; altérité; jouissance; psychanalyse.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1: Do Outro ao Um	14
1.1 - O Outro não está lá desde o início	14
1.2 - O Outro do Outro	19
1.2.1 - Metáfora paterna e forclusão do Nome-do-Pai	20
1.3 - Uma outra leitura para as psicoses e autismos	25
1.4 - O Outro do Outro não existe	28
1.5 - Lalíngua, significante e gozo	31
Capítulo 2: Psicoses e autismos	33
2.1- Alguns posicionamentos	33
2.1.1 - Distinções	34
2.1.2 - Especificidades	41
2.2 - Invenções	47
Capítulo 3: A alteridade nos autismos	51
3.1 - Objeto autístico	52
3.2 - O duplo	56
3.3 - O Outro de síntese	61
3.4 Sobre alteridade e clínica psicanalítica com autistas	66
Considerações Finais	69
Referências	73

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado tem como tema o estatuto da alteridade nos autismos. Do encontro com crianças e adolescentes autistas, atendidas em uma instituição onde realizei um estágio por um ano, muitas perguntas surgiram e, no decorrer da presente pesquisa, puderam ser melhor elaboradas. Entre as questões que serão apresentadas ao longo do texto, destaco aquela que servirá como fio condutor deste trabalho: há Outro para os autistas?

Primeiramente, a questão decorre de fenômenos observados nessa clínica, tais como o rechaço ou a indiferença às pessoas, a não distinção entre eu e outro (frequentemente ilustrada na cena em que eles pegam nossas mãos para realizarem alguma atividade), o mutismo, as falas ecológicas ou desligadas de sentido, as quais atestam um modo particular de encontro com a linguagem. A clínica com autistas nos ensina que não há nada de natural ou instintivo no ser humano: uns passam dias seguidos sem dormir, outros não comem nada, ou restringem sua alimentação a um tipo de alimento e há, ainda, aqueles que ingerem muitas coisas que não são comestíveis. Eles nos evidenciam que a pulsão não é de forma alguma o instinto, e que seu ritmo, seu *vaivém*, depende que ela seja negativizada pela linguagem. Nesses casos em que a palavra vinda da alteridade não incidiu regulando o circuito pulsional, mas perturbando o corpo, podemos considerar que haja Outro?

Em segundo lugar, temos o conhecimento de alguns autistas chamados de alto desempenho, que escrevem livros, dão palestras e aparentam ter encontrado soluções para lidar com as pessoas, a linguagem e seus corpos. Eles possuem amigos, alguns chegaram a se casar, a fala deles se mostra clara e bem elaborada e eles parecem ter assumido sua imagem corporal. Será que esses fundaram o Outro simbólico, lugar onde a cadeia significante se articula?

Além dos fenômenos clínicos e dos testemunhos dos autistas de alto desempenho, preocupou-nos o uso corrente que se faz do conceito de Outro para se referir à alteridade nos autismos. Por exemplo, a frequente equivalência que se faz entre o que Freud chamou de humano próximo (*Nebenmensch*) no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/2006) e o Outro, leva, muitas vezes, a uma espécie de um manual de recomendações aos pais para que a criança não corra riscos em seu desenvolvimento, à maneira da tese winnicottiana das “mães suficientemente boas”. Recomenda-se, por exemplo, que a mãe fale de uma certa maneira com o bebê, que interprete seus choros como demanda, que o pai intervenha na relação mãe-bebê, etc., de forma a garantir uma estruturação neurótica. Entendemos que esse tipo de orientação desconsidera o sujeito de que se trata na psicanálise e, nesse sentido, discutiremos

as consequências éticas e políticas de uma leitura que tenha a neurose como paradigma e busque normatizar a constituição do sujeito por meio de reformas no casal parental.

No percurso que traçamos, o primeiro capítulo tem como ponto de apoio a afirmação de Lacan, segundo a qual o Outro é um lugar que foi higienizado, um terreno limpo de gozo, onde o inconsciente se estruturará como uma linguagem (LACAN, 1968-69/2008), que nos mostra que o Outro não está dado de saída. A afirmação nos remeterá ao tempo anterior à estruturação do Outro, concernente ao *Nebenmensch* (humano próximo) e *das Ding* (a Coisa), conceitos freudianos que figuram no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/2006). A *Carta 52* (FREUD, 1896/2006) será uma referência importante para pensarmos a assunção e rejeição de significantes no encontro com a linguagem, as quais terão consequências estruturais. Esse caminho não se fará sem Lacan, especialmente no *Seminário 7: A ética da psicanálise* (1959-60/2008), no qual ele retoma esses conceitos para abordar a simbolização primordial e a *formação* de um Outro pré-histórico, alteridade absoluta.

Com isso, teremos a passagem do que seria o Outro prévio, campo dos significantes já lá, onde o sujeito ingressaria, para o Outro enquanto uma construção, a qual pode inclusive não ocorrer. Investigaremos essa terraplenagem de gozo – o passo que pode fundar o Outro enquanto cadeia articulada de significantes – e, seguindo a direção do ensino lacaniano, relativizaremos a inscrição do Nome-do-Pai enquanto único recurso possível ao sujeito para localização do gozo.

Estudaremos o conceito de Outro no ensino de Jacques Lacan em diferentes momentos de seu ensino. Primeiramente, o Outro que estaria garantido pela inscrição do Nome-do-Pai como significante da lei e corresponderia principalmente ao ensino de Lacan nos anos 1950. Pela formalização do complexo de Édipo e construção da metáfora paterna, Lacan atribui ao Nome-do-Pai a função de significante da lei do Outro no Outro, garantia de uma ordem simbólica consistente. Nesse momento, a leitura das psicoses colocava acento na forclusão do Nome-do-Pai, o que as deixava em posição de déficit, de uma falha em relação à estruturação da neurose.

Seguiremos, então, em direção à uma virada no ensino de Lacan, que tem seu ponto de partida localizado por Miller (2013b) no *Seminário 6: O desejo e sua interpretação*, na afirmação: “Não há, eu lhes disse, o Outro do Outro” (LACAN, 1958-59/2016, p.315). A partir daí, o ensino de Lacan vai em direção ao real que é um furo na ordem simbólica e o pai edipiano, mito do neurótico, se desvela como sinal de um impossível em modo estrutural.

Chegaremos, então, à falta de garantia do Outro, que podemos simbolizar pelo matema $S(A)$. Correlato da contemporaneidade – tempo marcado pela queda dos ideais paternos e

multiplicação das promessas de gozo operada pela ciência em aliança com o capitalismo –, o Outro sem o Outro nos oferece uma ampliação à clínica das psicoses e autismos. A pluralização dos Nomes-do-Pai dá lugar à singularidade dos modos de gozo e, com a clínica dos nós e o conceito de *sinthoma*, Lacan (1975-76/2007) funda o pai como uma suplência, entre outras possíveis. Esse deslocamento tem consequências clínicas fundamentais, pois faz com que, em vez de perguntarmos se houve ou não inscrição do Nome-do-Pai, passemos a perguntar o que, em cada caso, estabiliza o gozo.

Desse modo, nossa escolha por usar o plural para nos referir aqui às psicoses e aos autismos justifica-se pela multiplicidade de manifestações e de invenções que impossibilitam a universalização. Na clínica com autistas a multiplicidade das invenções se evidencia de forma ainda mais radical, o que torna impossível a referência a uma categoria em que todos esses indivíduos se encaixem.

A radicalidade da posição autística em relação à alteridade tornou necessária a distinção entre autismos e psicoses. No segundo capítulo, não esgotaremos uma discussão a respeito da inclusão ou separação dos autismos no campo das psicoses, a qual divide psicanalistas há anos, mas nos apoiaremos em alguns psicanalistas que fizeram essa distinção, entendendo que ela tem consequências na direção do tratamento a ser tomada. Partiremos dos trabalhos de Rosine e Robert Lefort, casal de psicanalistas que orientou sua clínica para o real, adiantando o passo que seria seguido por outros psicanalistas, ao fazerem uma leitura dos autismos a partir do funcionamento do significante-sozinho, Um sem o Outro. Segundo eles, para os autistas o Outro não tem existência. Para o casal de psicanalistas, o autismo deveria ser considerado uma quarta estrutura, somada à perversão, à neurose e à psicose.

Os psicanalistas Éric Laurent e Jean-Claude Maleval a princípio opuseram-se a essa hipótese e incluíram os autismos no campo das psicoses (LAURENT, 1997; MALEVAL, 1997). Atualmente, separam autismos de psicoses e chegam a se referir à estrutura autística (LAURENT, 2014; MALEVAL, 2015). Seguiremos os eixos apontados por Maleval (2015) para distinguir os autismos das psicoses e destacar especificidades dos autistas em relação aos psicóticos. A vontade de imutabilidade dos autistas, já observada por Kanner (1943), o estilo dos testemunhos produzidos por eles e a ausência de desencadeamento nos autismos são alguns dos fatores apresentaremos para defender a distinção entre autistas e psicóticos. Serão apresentadas ainda duas especificidades que levaram Maleval (2015) a defender a hipótese de uma estrutura autística: a recusa em ceder o objeto voz, tese que o próprio psicanalista desenvolveu (MALEVAL, 2009b), e o retorno do gozo sobre uma borda, tese criada por Éric

Laurent (1992) para diferenciar o retorno do gozo nos autismos do retorno no Outro, da paranoia, e no corpo, da esquizofrenia.

Ao levantarmos a hipótese de que nos casos de sujeitos autistas o Outro enquanto lugar da cadeia significativa articulada não se constituiu, no terceiro e último capítulo acompanharemos diferentes invenções de autistas por meio das quais eles puderam ordenar a realidade, localizando e barrando o gozo que, por não ter sido mortificado pelo significante, os invadia. Trabalharemos três maneiras pelas quais a alteridade pode ser construída: os objetos autísticos, o duplo e o Outro de síntese.

Veremos que os objetos autísticos, isolados como conceito por Frances Tustin, se mostram os primeiros parceiros desses sujeitos, oferecendo a eles proteção e uma possibilidade de deslocamento de borda e criação de um espaço de troca (LAURENT, 2014). Faremos a distinção entre os objetos simples e complexos, segundo Maleval (2009a) e dos objetos *sem forma* e *em-fôrma*, segundo Laurent (2014). Ilustraremos a discussão por meio dos testemunhos de autistas de alto desempenho, sobretudo de Temple Grandin, a qual inventou um objeto complexo pelo qual ela pôde se ligar ao mundo.

Os testemunhos dos autistas de alto desempenho trazem uma contribuição significativa no que se refere ao uso dos objetos autísticos complexos para a saída do fechamento autístico e a invenção de possíveis e inéditos laços com o social. Certamente, eles contribuem para dar consistência à imagem do corpo, assim como protegem da angústia. Por intermédio deles, o gozo desregulado é captado, localizado e circunscrito, colocado à distância, o que permite uma animação pulsional. (MONTEIRO, 2015, p.73)

Rosine e Robert Lefort deram menos importância ao objeto autístico, a menos quando este funcionava como um duplo. Em relação a isso, fizeram do duplo irredutível ao par especular um componente fundamental dos autismos. Acompanharemos a forma que os psicanalistas conceituaram o duplo, principalmente a partir do boneco-marinheiro de Marie-Françoise, cujo trabalho realizado com Rosine Lefort está detalhadamente descrito no livro *Nascimento do Outro* (LEFORT, 1980/1990). Para melhor entendermos as possibilidades que o duplo oferece aos autistas, recorreremos à Donna Williams, autista de alto desempenho que escreveu alguns livros. Donna relata que para abrir-se ao mundo fez uso de dois personagens criados por ela: Willie e Carol. Por meio delas, Donna Williams pôde falar, ir à escola, à faculdade, trabalhar e, mais tarde, pôde dispensá-las.

Por último, chegaremos ao Outro que Maleval (2009b) estabeleceu como o Outro nos autismos: o Outro de síntese. Formado por signos e não por significantes, o Outro de síntese permite que os autistas tratem a linguagem como um objeto e ponham alguma ordem ao caos do mundo externo, a partir de elementos rígidos. Esses elementos, os signos, ao contrário dos

significantes, não apagam a coisa que representam e não têm a função de receptáculos de gozo, ou seja, não são representantes da representação. O Outro de síntese fechado limita-se a um saber totalizante de um domínio restrito e é típico dos chamados autistas sábios. As chamadas ilhas de competência (MALEVAL, 2009a) formadas no Outro de síntese fechado podem ser atividades exaustivas e muitas vezes sem serventia – por exemplo, Sean Barron colocou-se a memorizar todas as letras que davam nome às estações de rádio dos Estados Unidos e sua localização, e as anotava em fichas. Segundo ele, ele era o único da escola que sabia aquelas letras e saber algo que as outras pessoas não sabiam fazia com que se sentisse poderoso (BARRON & BARRON, 1992). Já no caso do Outro de síntese aberto, que os chamados autistas de alto desempenho puderam construir e pelo qual eles têm acesso ao laço social, os signos constituem um saber dinâmico, o que permite rearranjos perante situações novas. Veremos que o objeto autístico, o duplo e o Outro de síntese não são etapas do desenvolvimento nem elementos isolados.

1 DO OUTRO AO UM

1.1 O Outro não está lá desde o início

A tentativa de Freud (1895/2006) de desenvolver uma psicologia científica, na qual ele representaria os processos psíquicos de forma mecânica e bem determinada, teve como resultado um rico modelo de aparelho psíquico, com processos complexos que deram preciosas bases para elaborações posteriores. Pelo estudo do *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895/2006), de uma das cartas de Freud endereçada a seu interlocutor Wilhelm Fliess, a *Carta 52* (FREUD, 1896/2006), e da leitura que Lacan faz desses textos, buscaremos mostrar que o Outro, lugar dos significantes, não está dado de início. Dessa forma, podemos questionar de que forma o Outro é constituído e, ainda, uma vez que sua instauração não está garantida, pretendemos discernir o estatuto da alteridade nos diferentes tipos clínicos.

O aparelho construído por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/2006) era formado por três sistemas de neurônios, por onde passaria certa quantidade de energia, designada por Q , tais quais: (1) ϕ , que continha neurônios permeáveis ligados à percepção e seriam os únicos a receberem excitações do mundo externo; (2) ψ , formado por neurônios impermeáveis, responsáveis pela memória; e (3) ω , cujos estados de excitação produziriam qualidades. As células de ψ seriam ainda divididas em dois grupos: o dos neurônios de pallium, que receberiam as excitações transmitidas pelos neurônios ϕ , e o outro, dos neurônios nucleares, investidos pelos estímulos endógenos.

Ao contrário dos neurônios de ϕ , responsáveis pela percepção, as células do sistema ψ possuem a característica de serem permanentemente alteradas, marcadas pela passagem das excitações. Ou seja, enquanto os neurônios permeáveis nada retêm, os impermeáveis, portadores da memória, retêm $Q\eta$. O sistema de memória teria barreiras de contato que seriam mais ou menos facilitadas, segundo a magnitude e frequência das impressões, e as diferenças entre esses trilhamentos caracterizariam esse sistema: “a memória está representada pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios ψ ” (FREUD, 1895/2006, p.352). Com Lacan, entendemos que esses trilhamentos são trilhamentos de significantes.

A tendência original do aparelho consiste em livrar-se de Q . Ao contrário de alguns estímulos externos, dos quais se pode fugir ou evitar, não é possível se esquivar dos estímulos internos. O acúmulo de Q nos neurônios nucleares ψ causa desprazer em ω , a consciência e, dessa forma, cria uma urgência de descarga pela extremidade motora, o que pode ocorrer por meio de duas vias. A primeira, a via da *alteração interna*, é aquela da expressão das emoções e não é capaz de cessar o recebimento dos estímulos endógenos (isto é, não produz alívio). A

segunda via é a da *ação específica*, a qual corresponde a uma alteração no mundo externo e tem como consequência a suspensão temporária das excitações no aparelho psíquico. Por exemplo, no caso da fome, a ação específica correspondente seria buscar comida no ambiente, de forma autônoma.

No entanto, o bebê humano é incapaz de executar de forma autônoma essa ação específica e por isso ela será promovida pela *ajuda alheia*, de uma pessoa experiente que responderá às manifestações advindas da alteração interna. Os choros e gritos adquirem assim uma função secundária de comunicação. Assim, haveria uma *experiência primária de satisfação*, inteiramente vinculada à ajuda de outro ser humano. Freud faz uma afirmação que não é explorada na ocasião, mas que ele veio a desenvolver em momentos posteriores de sua obra: “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1895/2006, p.370). Em *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930[1929]/2011), o desamparo infantil e a necessidade de proteção paterna são colocados como a fonte do sentimento religioso. Veremos mais adiante que a resposta neurótica frente ao desamparo é a construção de um pai ideal.

No nível dos neurônios afetados, o resultado da experiência de satisfação seria uma facilitação entre duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares que foram excitados pelo estado de urgência. Quando esse estado de urgência reaparece, também chamado de estado de desejo, a imagem mnêmica do objeto e a motora são reinvestidas e, na ausência da percepção, o que se produz é uma alucinação:

Não tenho dúvida de que na primeira instância essa ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação. Quando uma ação reflexa é introduzida em seguida a esta, a consequência inevitável é o desapontamento. (FREUD, 1895/2006, p.372)

É a partir daí que Freud introduz a dimensão hostil do objeto. A experiência de dor pelo acúmulo de excitação fica diretamente relacionada à imagem mnêmica do objeto, motivo pelo qual ele não é apenas objeto de satisfação, mas também objeto hostil (FREUD, 1895/2006).

Para diferenciar percepção e lembrança/ideia, o ego, localizado em ψ , precisa de um critério que advenha de outra parte: uma indicação da realidade, fornecida por neurônios ω . Freud (1895/2006) nos descreve algumas possibilidades e introduz *das Ding*, a Coisa, que será representada pela letra *a*. No primeiro caso, há a coincidência total entre o investimento de desejo da imagem mnêmica e a percepção dela. No segundo, há uma percepção que coincide com o investimento de desejo presente, mas apenas parcialmente. Supõe-se que o investimento de desejo se relacione com os neurônios $a + b$, enquanto que o investimento da

percepção se dê com os neurônios $a + c$. Antes de executar a descarga, é preciso encontrar um modo de aperfeiçoar a semelhança e convertê-la em identidade. Temos, então, um componente constante, a , chamado de a Coisa (*das Ding*), e outro variável, seu predicado. É a não coincidência entre os investimentos que dará início à atividade de pensamento (FREUD, 1895/2006).

Para exemplificar o segundo caso, Freud cria uma situação entre um bebê e o seio de sua mãe. No exemplo, a imagem mnêmica desejada por uma criança é o seio materno visto de frente, enquanto que a percepção obtida é uma visão de perfil, onde o mamilo que estava presente na imagem mnêmica fica excluído. Enquanto a imagem frontal do seio corresponde ao investimento no neurônio b e sua imagem negativizada, na visão lateral, corresponde ao investimento em c , a é o que há de constante entre as duas e se resume a essa interseção, não sendo localizável. Segundo Dreyfuss (1982), tal exemplo merece atenção por manifestar claramente a insuficiência de um modelo puramente mecânico, em que Freud não pôde evitar de se referir expressamente ao simbólico. Essa estrutura constante, *das Ding*, é suposta sob a forma de estado de desejo e só pode ser reconhecida retrospectivamente, como algo que estava lá (DREYFUSS, 1982).

É necessário entendermos que a importância da experiência primária de satisfação reside em seu aspecto mítico, sua temporalidade lógica, e nunca tomá-la como um fenômeno localizável na experiência. O neurônio a do esquema de Freud é objeto de satisfação para sempre perdido, que instaura a eterna busca para reencontrá-lo, função de causa que será atribuída mais tarde, com Lacan, ao objeto a .

No *Seminário 7: A ética da psicanálise*, Lacan faz uma análise etimológica para comparar dois termos que, em alemão, significam “a coisa”: *das Ding* e *die Sache*. Ao atentar para o fato de Freud utilizar *Sachvorstellung* e não *Dingvorstellung* para se referir à representação-coisa, Lacan distingue esses dois termos pareando *Sache* e *Wort*, palavra. *Sache* é o termo utilizado para se referir às coisas do mundo, produto da ação humana e governada pela linguagem. Assim, é a coisa que está sempre ao alcance de ser explicitada. Já *das Ding* situa-se em outro lugar, há outra coisa aí, o “verdadeiro segredo” (LACAN, 1959-60/2008, p.60).

A dificuldade que se coloca nesse momento do ensino de Lacan é o que Miller (2012) chamou de gozo impossível. O gozo é exilado do simbólico e do imaginário e, portanto, resta inatingível. Lacan se empenhará, nos Seminários seguintes, na investigação das relações entre significante e o que fica fora da simbolização, de onde resultará o aparecimento do conceito de objeto a . O surgimento do objeto a é, então, resultado da perda de gozo operada pelo

simbólico. Esse objeto é resto da separação entre gozo e Outro, operada pelo significante, e por ser, ao mesmo tempo, testemunha da perda de gozo (MALCHER, 2011) e promessa de sua recuperação, será em torno dele que a pulsão fará seu circuito e o sujeito se constituirá como desejante.

Retornando ao texto de Freud (1895/2006), além das possibilidades citadas anteriormente – coincidência total ou parcial entre imagem mnêmica e percepção –, há uma terceira, que é a total discrepância entre o investimento do desejo e a imagem percebida, de onde poderá advir um interesse em conhecer essa imagem perceptiva. Caso esse objeto seja um humano próximo (*Nebenmensch*), haverá elementos novos e também lembranças de movimentos executados pelo próprio bebê. Esse objeto semelhante, como Freud ressalta, foi o primeiro objeto de satisfação, o primeiro objeto hostil e também a única força auxiliar do sujeito. Veremos mais adiante com Lacan que o *Nebenmensch* é o precursor do Outro, que a partir do humano próximo, por este ser um sujeito falante, o Outro poderá se constituir como lugar do significante, mas que ambos não coincidem. Do *Nebenmensch* ao Outro há um passo a ser dado.

Freud destaca a função do grito como manifestação que poderá ser reconhecida no objeto próximo e evocará no sujeito lembranças desprazerosas e de dor (FREUD, 1895/2006).

Desse modo, o complexo do ser humano semelhante se divide em dois componentes, dos quais um produz uma impressão por sua estrutura constante e permanece unido como uma coisa, enquanto outro pode ser compreendido por meio da atividade de memória – isto é, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo. (FREUD, 1895/2006, p.384)

No entanto, só podemos pressupor que haveria um “próprio corpo” aí construído e mapeado por significantes se o pensarmos retroativamente. O que temos no nível do *Nebenmensch* é uma dimensão de alteridade absoluta e irreduzível à especularização, *das Ding*, e a dimensão de semelhante. Segundo Lacan (1959-60/2008, p.67), é o que “articula energicamente o à-parte e a similitude, a separação e a identidade”. *Das Ding* corresponderia ao Outro absoluto, pré-histórico e que jamais será reencontrado. O grito traz a essência do *Nebenmensch*, de sua ambiguidade, por ser algo que é íntimo e, ao mesmo tempo, que só se pode reconhecer do lado de fora.

E o que me é mais próximo do que esse âmagô em mim mesmo que é o de meu gozo, do que não me ousa aproximar? Pois assim que me aproximo (...) surge essa insondável agressividade diante da qual eu recuo, que retorno contra mim, e que vem (...) dar seu peso ao que me impede de transpor uma certa fronteira do limite da Coisa. (LACAN, 1959-60/2008, p.223)

A Coisa coloca-se então como limite interno ao campo do gozo. Um vacúolo do qual não posso me aproximar e, ao mesmo tempo que é evitado, é também buscado. Êxtimo: externo e íntimo, *das Ding* é o vacúolo que comportará o objeto *a* (LACAN, 1968-69/2008).

Temos então uma experiência mítica de satisfação, na qual a ação específica do humano próximo produziria as primeiras marcas dessa experiência. Trata-se de um momento mítico de captura pela palavra. Ao acolher o grito como apelo e dar um sentido àquilo, interpretando-o como fome, sono, ou o que quer que seja, aquele que se ocupa da criança oferece a ela significantes, convocando-a ao mundo simbólico por onde ela poderá advir como sujeito. Porém, não basta haver um humano próximo que fale com a criança para que esta ingresse no mundo simbólico, ou seja, funde o lugar do Outro, onde a cadeia significante se articula.

Stavy (2012) diferencia o termo *Hilflosigkeit*, o desamparo, e *Ratlosigkeit*, termo da psiquiatria alemã que Freud se apropria no texto *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926[1925]/2006) para explicar uma marca singular, *Eindruck*, um trauma que não o do nascimento, como defendia Rank, mas um “encontro fora de sentido”. Segundo o autor, *Ratlosigkeit* foi traduzido erroneamente como desamparo¹, mas ele afirma que esse seria o equivalente à *perplexidade* da psiquiatria francesa. Seu significado tem a ver com o impossível de desemaranhar, um enigma, o fora do sentido (Stavy, 2012, p.74).

Encontrar o termo *Ratlosigkeit* nesse texto de Freud teve importância para Stavy (2012) por ele ter localizado nessa distinção com o *Hilflosigkeit* – termo muito explorado na obra de Freud – os correlatos de dois momentos do ensino lacaniano. O desamparo (*Hilflosigkeit*) agradou aos alunos de Lacan dos anos 50, pois afirmava a primazia do simbólico – um recém-nascido “sem socorro” e um Outro prévio que representava o “socorro do discurso²”, do qual portanto o bebê seria dependente. O *Ratlosigkeit*, por outro lado, testemunha o encontro fora da estrutura do discurso, e se relaciona às “proposições mais subversivas do que se convencionou chamar de Ultimíssimo Ensino de Lacan” (STAVY, 2012, p.75), que vai em direção ao real: há um gozo do corpo vivo, goza-se, independente do Outro. Por tal elaboração, a *Ratlosigkeit* nos remete ao trauma ao qual Lacan se refere como o único e colocado para todos: “traumatismo, não há outro: o homem nasce mal-entendido” (LACAN, 1980/1981, p.12, tradução nossa)³, é o encontro com o real irreduzível, separado do sentido. Falaremos mais sobre o Um sem o Outro mais adiante.

No *Seminário 16: De um Outro ao outro*, Lacan (1968-69/2008) faz uma importante indicação de que o Outro se constitui em um segundo tempo lógico, não está lá desde sempre. Ele levanta a questão de se o *Nebenmensch*, o próximo que concede a ajuda alheia, seria o

¹ Na edição brasileira, o termo utilizado foi “desorientação” (FREUD, 1926[1925]/2006: 137).

² Há um jogo de palavras que Lacan faz ao qualificar seus quatro discursos (discours) de “dizer socorro” (dire secours).

³ “De traumatisme, il n’y en a pas d’autre : l’homme naît malentendu.”

Outro, aquele que serve para fazer funcionar a articulação significativa do inconsciente. Sua resposta é negativa: “O próximo é a iminência intolerável do gozo. O Outro é apenas sua terraplenagem higienizada.” (LACAN, 1968-69/2008, p.219).

O Outro é “um terreno do qual se limpou o gozo: (...) É aí, é no Outro que está o inconsciente estruturado como uma linguagem.” (LACAN, 1968-69/2008, p.220). Lacan nos remete então a um tempo lógico anterior à constituição do Outro e ao inconsciente estruturado segundo as leis da linguagem. É necessário que haja uma higienização no campo do gozo, que a incidência do significante separe *das Ding* e Outro, para que se instaure o campo do Outro como o lugar da cadeia significante.

Lacan abordou essa higienização de gozo e instauração do Outro de forma diferente em dois momentos de seu ensino. Primeiro, pela a incidência do Nome-do-Pai em sua função normativa, como significante do Outro da lei no campo do Outro, que resultou na reduplicação: o Outro do Outro (LACAN, 1958/1998). Nesse momento, havia uma idealização dessa varredura de gozo, do corpo cadaverizado pela linguagem e do Outro como deserto de gozo, efeito do ciframento significante. Em um segundo momento, acrescenta-se a isso algo do vivo. O significante enquanto causa de gozo vivifica o corpo e nem todo gozo é absorvido pelo significante, ou seja, a “varredura” não é plena. Não há garantia no Outro e o Nome-do-Pai torna-se uma suplência, entre outras possíveis.

1.2 O Outro do Outro

A distinção entre neurose e psicose não aparece bem demarcada em todos os textos de Freud, no entanto, em alguns deles, ele distinguiu as duas e fez comparações preciosas que nos orientam até hoje. Do ponto de vista econômico, afirmou que quando os investimentos libidinais eram recolhidos do mundo externo, no caso da psicose, a libido retornava ao eu (megalomania), enquanto que na neurose ela permanecia investida nos objetos do mundo, entretanto na fantasia (FREUD, 1914/2004). Apoiado em seu estudo anterior a respeito do relato autobiográfico do Presidente Schreber, Freud (1914/2004) deu um novo estatuto ao delírio, diferente de tudo que a psiquiatria da época concebia: assim como a fantasia, o delírio é um meio de reenviar a libido retida no eu e restituir os vínculos com o mundo externo, uma tentativa de cura por meio da qual o psicótico poderia reconstruir a realidade (FREUD, 1914/2004). No artigo *Neurose e Psicose*, Freud (1924[1923]/2006) afirma que o delírio “se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo” (ibid., p.169).

No texto *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud (1924/2006) recusa-se a diferenciar neurose e psicose pela perda da realidade, defendendo que “toda neurose perturba de algum modo a relação do paciente com a realidade” (ibid., p.205). Afirma, ainda, que a neurose não consiste no recalque operado a serviço da realidade, mas nos processos que oferecem *compensação* à parte do Isso danificada. Freud aproxima, assim, a neurose e a psicose, como respostas dadas a um buraco deixado pelo recalque ou rejeição de um fragmento da realidade. Enquanto o delírio viria preencher essa fenda no caso das psicoses, no caso da neurose, afirma que essa função seria exercida pela fantasia e pelos sonhos (FREUD, 1924/2006).

Ao abordar as psicoses, veremos que Lacan a princípio colocou acento na não-inscrição do significante do Nome-do-Pai, uma falha no simbólico que tem retorno no real. Desse modo, a metáfora delirante foi por muitos anos considerada o meio mais privilegiado para estabilização do gozo. Com o avanço de seu ensino, especialmente quando chega à topologia dos nós, Lacan se aproximará de Freud, demonstrando que também nas neuroses falta um significante, o que podemos representar aqui pelo matema $S(\bar{A})$, o significante da falta no Outro. A fantasia se torna uma suplência, entre outras, à inexistência da relação sexual, ao furo irremediável do encontro traumático com a linguagem. Voltaremos a abordar o tema das invenções e suplências mais adiante. A seguir, acompanharemos a importante leitura que Lacan fez no início de seu ensino, tendo como referência a construção do Outro na neurose.

1.2.1 Metáfora paterna e forclusão do Nome-do-Pai

Os primeiros seminários proferidos por Lacan são marcados pelo que Miller (2013) nomeou de “paixão legalista” (ibid., p.21). Sua busca pelas leis nesse primeiro momento estava intimamente relacionada à noção de ordem simbólica, a qual deveria ser garantida pelo Nome-do-Pai. Miller (2013) classifica cinco registros da lei utilizados por Lacan nesse momento de seu ensino: (1) as leis linguísticas, tomadas emprestadas de Saussure e Jakobson, principalmente os mecanismos que articulam significante e significado, sincronia e diacronia, metáfora e metonímia; (2) lei dialética, buscada em Hegel na dialética do reconhecimento, segundo a qual o sujeito só pode assumir seu ser por meio de outro sujeito; (3) leis matemáticas, como a que dá o modelo de memória inconsciente no texto sobre *A carta roubada*; (4) leis de aliança e parentesco, que são as leis de aliança e parentesco adotadas do trabalho de Lévi-Strauss; (5) lei do Édipo, segundo a qual a substituição do Nome-do-Pai pelo

Desejo da Mãe é a condição para estabilização do gozo e acesso a uma experiência da realidade comum com os outros sujeitos.

Segundo Miller (2013), a importância central da noção de lei se deu por Lacan entender que esta era condição de racionalidade e cientificidade, o que fez com que ele inventasse a noção de ordem simbólica, a qual se tornara popular. Os registros da lei e a noção de ordem simbólica eram equivalentes: “A lei põe ordem ou exprime a ordem que há” (MILLER, 2013, p.22). A formulação da noção de ordem simbólica foi essencial para a tripartição entre simbólico, imaginário e real. À ordem simbólica, se opõe a desordem imaginária, onde não há elementos discretos e separados, nem lugares distintos: eu e outro rivalizam, misturam-se, invadem-se e fragmentam-se. O real se mantém como impossível, sem lei (MILLER, 2013, p.23).

Veremos de que maneira a formalização do Complexo de Édipo e a construção da metáfora paterna conferiram ao Nome-do-Pai, enquanto o significante do Outro inscrito no conjunto dos significantes, a função de garantir o funcionamento das leis, logo, da consistente ordem simbólica, na qual cada elemento estaria em seu lugar. A leitura que Lacan (1955-56/1988) faz das psicoses nesse momento de seu ensino punha acento no *déficit*, a inscrição do Nome-do-Pai, presente na estrutura neurótica, falta na estrutura das psicoses.

No seminário sobre as psicoses, Lacan (1955-56/1988) aponta que há uma etapa em que “pode acontecer que alguma coisa primordial quanto ao ser do sujeito não entre na simbolização, e seja, não recalcado, mas rejeitado” (ibid., p.100), que haja uma *Verwerfung* primitiva. Apesar de não ter o estatuto de um conceito na obra de Freud, o termo *Verwerfung* é utilizado por este para descrever uma defesa “mais poderosa e bem-sucedida” (FREUD, 1894/2006, p.64) que o recalque (*Verdrängung*): “Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido” (ibid., p.64).

Lacan retoma a cena da curta alucinação do Homem dos Lobos, em que o paciente de Freud relata que em uma brincadeira na infância acreditou ter cortado fora o dedo mínimo, chegou a ver o dedo cortado e, instantes depois, deu-se conta de que seu dedo estava ileso. O paciente relata que, ao sentar-se ao lado de sua babá, não conseguiu dizer nada sobre o ocorrido – o que aponta para um abismo, um buraco, a impossibilidade de algo dizer, que Lacan traduz em sua asserção a respeito do mecanismo da *Verwerfung*: “o que é recusado na ordem simbólica ressurgue no real” (LACAN, 1955-56/1988, p.22).

Ao final do seminário sobre as psicoses, Lacan (1955-56/1988) sugere a utilização do termo *foraclusão* para se referir à *Verwerfung*. Forjada do vocabulário jurídico, a *foraclusão* é

o termo que se usa para designar um processo do qual já não se pode mais recorrer e que não é passível de revisão, por não ter ocorrido dentro do prazo prescrito na lei. No caso das psicoses, trata-se da forclusão do Nome-do-Pai, “um processo cuja primeira etapa chamamos de cataclisma imaginário, ou seja, que mais nada pode ser arrendado da relação mortal que é em si mesma a relação com o outro imaginário” (LACAN, 1955-56/1988, p.370). Se o significante do Nome-do-Pai não se inscreve no campo de significantes do Outro, o sujeito não tem acesso à significação fálica – aquela que estabelece lugares, permite as trocas simbólicas – e resta capturado no eixo imaginário, na pura relação especular $a - a'$, quando ela se instala.

Por outro lado, há a *Bejahung*, a atribuição do valor de existência na admissão primitiva do simbólico, da lei. Segundo Lacan (1955-56/1988), a insistência de Freud no complexo de Édipo, e a construção do mito de Totem e Tabu devem-se ao fato de a lei estar ali desde a origem, sendo a lei primordial a da interdição do incesto. Ao interditar o acesso à mãe, o pai irá fundá-la como objeto desejável. Desde o seminário sobre as psicoses, Lacan (1955-56/1988) recoloca os termos do complexo de Édipo, substituindo a triangulação freudiana pai-mãe-criança por “(pai)-falo-mãe-criança” (ibid., p.368). Ao pai simbólico, representado no significante do Nome-do-Pai, é conferida a potência de instaurar a ordem simbólica, sendo um ponto de ordenação na linhagem.

Para tentar cernir o lugar e o tempo em que a forclusão de um significante primordial ocorre, Lacan retoma a experiência de satisfação e o modelo de aparelho psíquico freudiano presente na *Carta 52* (FREUD, 1986/2006), endereçada a Wilhelm Fliess no ano seguinte ao *Projeto*. Nela, Freud faz avanços em relação ao funcionamento psíquico e, logo, ao mecanismo que instaura o inconsciente. Sua hipótese é de que o aparelho psíquico se forma em um processo de estratificação. Os traços de memória se inscreveriam em diferentes tempos e registros – três, talvez, ou mais –, o que foi esquematizado da seguinte forma:

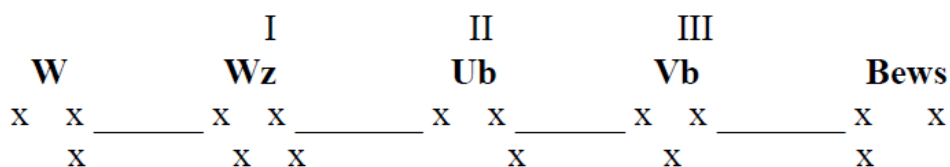


Figura esquemática da *Carta 52* (FREUD, 1896/2006, p.282)

No esquema, W (*Wahrnehmungen*) diz respeito às percepções e não deixam traços mnêmicos da experiência. Trata-se de uma experiência bruta de percepção, uma posição

primordial e hipotética, pois nada disso vem à tona no sujeito (LACAN, 1955-56/1988). No primeiro registro, I- Wz (*Wahrnehmungszeichen*), *signos de percepção*, estão os primeiros registros de memória, dispostos por simultaneidade e não articulados entre si. A instauração do *inconsciente* se daria no segundo registro, II- Ub (*Unbewusstsein*), no qual os signos de percepção seriam transcritos em traços mnêmicos e “lembranças conceituais” (FREUD, 1986/2006, p.282), dispostos de acordo com relações, ou seja, articulados entre si. A terceira inscrição seria do *pré-consciente*, III- Vb (*Vorbewusstsein*), ligado às representações verbais.

Lacan (1955-56/1988) baseia-se nesse sistema para pensar a incidência do significante e localizar o nível em que há a negação (*Verneinung*) da existência de algo primordial, o que chamará por fim de *Verwerfung*. Se em W o sujeito nada retém, em Wz há uma primeira apreensão do simbólico, ainda que os significantes não estejam articulados entre si. Se alguns significantes são destacados, isso deixa algo de fora, o real, externo ao sujeito. A foraclusão se dá no nível Wz, nível primordial da memória, e o significante foracluído não é transcrito para o nível seguinte, Ub.

O desenvolvimento da metáfora paterna e da foraclusão do Nome-do-Pai foi amplamente desenvolvido no *Seminário 5: As formações do inconsciente* (1957-58/1999) e no escrito contemporâneo a ele, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958/1998).

Ao substituir a pessoa do pai pelo significante do Nome-do-Pai na formalização do Édipo, Lacan (1957-58/1999) se afasta de pesquisas ambientalistas que buscavam relações entre a não instauração do complexo de Édipo e a “carência paterna” (LACAN, 1957-58/1999, p. 172) como algo ligado à realidade da pessoa do pai. Para Lacan, a carência paterna não pode ser tomada senão como uma questão de linguagem. Assim, ele sustenta que o Édipo pode se constituir normalmente na ausência da pessoa do pai; e é mesmo por sua ausência que o pai pode surgir como símbolo:

Se nos colocarmos no nível em que se desenrolam essas pesquisas, isto é, no nível da realidade, poderemos dizer que é perfeitamente possível, concebível, exequível, palpável pela experiência, que o pai esteja presente mesmo quando não está, o que já deveria nos incitar a uma certa prudência no manejo do ponto de vista ambientalista no que concerne à função do pai. Mesmo nos casos em que o pai não está presente, em que a criança é deixada sozinha com a mãe, complexos de Édipo inteiramente normais – normais nos dois sentidos: normais como normalizadores, por um lado, e também normais no que se desnormalizam, isto é, por seu efeito neurotizante, por exemplo – se estabelecem de maneira exatamente homóloga à dos outros casos. (LACAN, 1957/1958, p. 173)

Além disso, nos casos em que a função de legislador é encarnada de forma fixa pela pessoa do pai, podem ocorrer acidentes, como Lacan (1958/1998, p.586) demonstra ter sido o caso de Schreber. O pai de que se trata no complexo de Édipo é simbólico, sendo o símbolo

aquilo que permite que o pai esteja presente mesmo não estando. Em outras palavras, o Nome-do-Pai é o pai enquanto morto e, portanto, um lugar vazio. Algumas pessoas ocuparão esse lugar ao longo da vida de um sujeito; o problema ocorre se alguém se fixa nessa posição, se no lugar da função diferenciadora advém alguém insubstituível.

Lacan (1957-58/1999) formalizou o complexo de Édipo em três tempos e instaurou a intervenção do pai como uma metáfora: “A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (LACAN, 1957-58/1999, p.180). Por meio da metáfora paterna, Lacan unirá três vertentes do ensino freudiano: o complexo de Édipo, o complexo de castração e, pela entrada em jogo do pai como morto, o mito do pai da horda primitiva (MILLER, 1992). A fórmula da metáfora paterna será apresentada no escrito *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958/1998, p.563):

$$\begin{array}{ccc} \text{Nome-do-Pai} & . & \text{Desejo da Mãe} & - & \text{Nome-do-Pai} & [\text{--- A ---}] \\ \text{Desejo da Mãe} & & \text{significado para} & & & \text{Falo} \\ & & \text{o sujeito} & & & \end{array}$$

É pela simbolização primordial, descrita anteriormente, que a mãe se faz portadora de uma incógnita. A mãe vai e vem e, por isso, coloca-se a pergunta: *qual é o significado dessas idas e vindas? ou o que ela quer?*. O desejo da mãe é uma incógnita e por isso um significante, no sentido de cada um precisar dar a ele uma significação. Estamos aí no chamado primeiro tempo do Édipo e podemos reunir tais questões em uma única: *sou ou não sou o falo da mãe?* A criança está inicialmente submetida, assujeitada, à lei da mãe, aos caprichos daquela de quem depende. É por isso que Lacan (1957-58/1999) insiste na necessidade de a mãe fundar algo que esteja para-além dela, de se articular ao Nome-do-Pai, reconhecê-lo como aquele que enuncia a lei: “O Nome-do-Pai é primeiro o pai metaforizado pelo discurso da mãe e, como tal, morto, assassinado pelo discurso”⁴ (Miller, 1992, p.81, tradução nossa). Ao substituir o enigmático desejo da mãe, o Nome-do-Pai faz do pai portador do falo e agente de uma dupla interdição: proíbe a criança de se fazer objeto de satisfação da mãe e, principalmente, a mãe de “reintegrar seu produto” (LACAN, 1957-58/1999, p.209). Desalojada do lugar de objeto do desejo da mãe, a criança encontra a saída do complexo de Édipo identificando-se ao pai, sob a forma de um Ideal do Eu, responsável ele mesmo por

⁴ “El Nombre-del-Padre es primero el padre metaforizado por el discurso de la madre y como tal, muerto, matado por ese discurso.”

recalcar o complexo de Édipo. O significante paterno se inscreve e, dessa forma, “instaura e autoriza o jogo dos significantes” (LACAN, 1957-58/1999, p.328).

Vieira & Barros (2015) alertam para o risco de tomarmos o Édipo em um evolucionismo: primeiro a mãe, depois o pai e então uma criança. O sujeito se constitui a partir de uma metáfora, que é um salto, que produzirá, retroativamente, sentido. Não há personagens prévios; não há sequer “pai” e “mãe” sem a operação metafórica. Sem a relativização operada pela incidência do Nome-do-Pai, não há Desejo da Mãe, há apenas gozo.

A metáfora paterna coloca assim o Nome-do-Pai acima de todos os outros significantes e dos “significados ambulantes” (LACAN, 1957-58/1999, p.202), o que teria o efeito não de alinhar uma significação em um significante, mas de atar um significante no outro, o que pode produzir novas significações. Sendo o Nome-do-Pai o significante que instaura o próprio campo dos significantes, há uma reduplicação do Outro, o Outro do Outro:

Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro. (LACAN, 1957-58/1999, p.152)

A partir do *Seminário 6: O desejo e sua interpretação* (LACAN, 1958-59/2016), Lacan afirmará em muitos momentos que o Outro do Outro não existe. Discutiremos mais adiante a importância dessa afirmação e de que forma ela orienta a clínica psicanalítica na direção do real, que é sem lei.

1.3 Uma outra leitura para as psicoses e autismos

A leitura clássica das psicoses, tal como acaba de ser apresentada, possui indicações preciosas e imprescindíveis para a clínica. Além disso, fez com que psicanalistas não mais recuassem frente às psicoses. Não temos dúvidas de que, tanto nas psicoses quanto nos autismos, o significante do Nome-do-Pai não se inscreveu. Veremos no segundo capítulo que o mecanismo da forclusão, ou seja, o retorno no real daquilo que não se inscreveu simbolicamente, nos dá um dos principais elementos para o diagnóstico diferencial entre paranoia, esquizofrenia e autismos, cujo gozo retorna no Outro, no corpo e na borda, respectivamente.

No entanto, acreditamos que uma leitura que tome a neurose como modelo e atribua a causação das psicoses e do autismo a falhas na estruturação neurótica, além de reduzir as possibilidades de tratamento, corre o risco de corroborar um discurso que tem consequências ruins, ética e politicamente, para a psicanálise.

A elaboração da psicanálise acerca do papel dos pais na causação das psicoses e autismos é um dos fatores que mais gerou críticas e se tornou um dos grandes motivos de sua rejeição por parte da sociedade. A fama de que psicanalistas sempre culpam os pais ou, especialmente, a mãe, pela posição subjetiva de seus filhos, tem trazido consequências cada vez mais graves à psicanálise, principalmente no que diz respeito aos autismos. No ano de 2012, na França, iniciou-se um movimento – comandado por associações de pais de autistas – que tinha como objetivo proibir que estes sujeitos fossem tratados por psicanalistas, sob o argumento de não haver comprovação científica da eficácia do tratamento psicanalítico nesse campo⁵. No Brasil, a guerra à psicanálise também foi declarada e seus efeitos continuam aparecendo.

A gravidade da questão levou muitos psicanalistas e suas instituições a elaborarem um rico e amplo material em defesa do tratamento psicanalítico de autistas. Na França, por exemplo, o livro de Éric Laurent, *A batalha do autismo (2012)*, explica em detalhes como se deu o movimento político; já no Brasil, o *Movimento Psicanálise Autismo e Saúde Pública*, grupo formado por psicanalistas e instituições do país inteiro, elaborou um manifesto (MPASP, 2013) e engaja-se na luta contra a exclusão da prática psicanalítica das políticas públicas voltadas para o tratamento dos autistas.

Sabemos que há uma série de caricaturas e mal-entendidos envolvidos nessas críticas, bem como estamos avisados da incompatibilidade entre a demanda contemporânea, motivada pelo discurso da ciência, por resultados universais, e o trabalho da psicanálise, o qual só é possível se realizado em âmbito singular, no caso a caso. Ainda assim, assumiremos que certas leituras deram margem a esse julgamento. Em primeiro lugar, refiro-me à elaboração de alguns pós-freudianos, que se debruçaram principalmente na relação mãe-bebê para construir uma relação direta e linear entre causa e consequência, a qual associava desordens subjetivas infantis à subjetividade materna. Ainda que tenha sido refutada pelo próprio psicanalista, a tese de Bruno Bettelheim de que o autismo era produto da frieza e rigidez das mães (BETTELHEIM, 1967, p.448), deu origem ao que ficou conhecido popularmente como a teoria das “mães-geladeira”, usada até hoje nos ataques à psicanálise.

Nos tempos atuais, parece que já nos livramos desse tipo de hipótese absurda. No entanto, há algo que, no campo mesmo da psicanálise laciana, insiste: partindo da constituição do sujeito no campo do Outro, muitas vezes incorremos no erro de reduzir a causalidade do sujeito a um determinismo parental. Por mais que os pais, sobretudo no início

⁵ A proposta de proibir as práticas analíticas no tratamento do autismo foi revogada na Assembleia Nacional francesa no dia 08 de dezembro de 2016.

da vida, encarnem o Outro, este é uma construção singular. Como vimos, o *Nebenmensch* não é o Outro. Há nessa passagem uma operação que dependerá da resposta de cada um ao trauma da linguagem, e por isso não podemos personificar e encerrar o Outro nessas figuras. Corremos o risco de fazer uso da psicanálise em nome de uma normatização que defina, por exemplo, como devem ser os pais para que uma criança não corra “riscos em seu desenvolvimento”, ou que o sujeito se constitua “normalmente”.

Como vimos, ao substituir o pai e a mãe por funções paterna e materna, Lacan opera um primeiro corte no que vinha sendo feito da psicanálise, refutando as teorias ambientalistas. No entanto, tal leitura ainda se dá pelo aspecto deficitário das psicoses e autismos, em relação à estruturação neurótica. A forclusão do Nome-do-Pai é designada como o mecanismo diferencial das psicoses, o que as deixa em posição de um déficit, uma falha em relação à estruturação da neurose.

A temporalidade lógica presente na constituição do sujeito nos mostra que a clínica psicanalítica não apenas não deve, mas também não tem a possibilidade de fazer uma profilaxia. Como vimos, há um tempo de assunção e rejeição de significantes, que só depois, por seus efeitos, nos permite supor a posição tomada frente ao trauma, o buraco aberto pelo encontro com o real da língua. Laurent (2012) nos convida a repensar a atribuição da causalidade da loucura à “insondável decisão do ser” (LACAN, 1946/1998, p.179), a partir da clínica borromeana. A falta-a-ser da neurose respondia ao que Freud chamava de escolha e Lacan chamou de decisão do ser. No entanto, a problemática da decisão deve ser substituída pela consideração da maneira singular de produção do nó para cada sujeito, o “que implica corpo e acontecimento de corpo” (LAURENT, 2012, p.38).

Acreditamos que o deslocamento que ocorre no conceito de Outro – de uma estrutura pré-existente, em que o sujeito ingressaria, para um segundo tempo, um lugar a ser fundado a partir de um saber-fazer com *lalíngua*⁶ – nos oferece uma nova possibilidade de leitura e de tratamento das psicoses e autismos.

Veremos a seguir que, com a direção que o ensino de Lacan toma rumo ao real, a operação da forclusão se amplia e a forclusão do Nome-do-Pai é entendida como forclusão local, específica, mas não a única possível. Lacan irá contra a consistência da ordem simbólica e à neurose também será atribuída uma falta de significante, uma impossibilidade de simbolização, irremediável, estrutural.

⁶ Em português, há duas traduções correntes para o termo original *lalangue*: *alíngua* ou *lalíngua*. Optamos pelo termo que melhor remete à “lalação” do bebê, à qual Lacan fez referência.

1.4 O Outro do Outro não existe

Assim como Freud (1924/2006) estabelece a perda de um fragmento de realidade como ponto de partida comum às psicoses e neuroses, Lacan irá superar a leitura das psicoses que põe acento no déficit, na não-inscrição de um significante privilegiado que se inscreve na neurose. Há uma mudança de posição, que não invalida suas construções anteriores a respeito das psicoses, mas oferece uma nova leitura, que aposta nas invenções singulares e retira do Nome-do-Pai a função de garantia de uma ordem simbólica consistente e de condição para construção da realidade.

Nesse segundo momento, Lacan também apontará que, não só nas psicoses, mas também na neurose, há um buraco ao qual nenhum significante pode responder. Essa falta de significante na neurose pode ser sintetizada na seguinte afirmação: “Não há A mulher, artigo definido para designar o universal” (LACAN, 1972-73/2008, p.79). O aforisma lacaniano segundo o qual A mulher não existe senão excluída da natureza das palavras (LACAN, 1972-73/2008) não será explorado na presente dissertação, sua importância é de ser um ponto de chegada, um desdobramento do caminho que percorremos do Outro do Outro ao Outro sem o Outro.

Tal virada é localizada por Miller (2013) no *Seminário 6: o desejo e sua interpretação*. Segundo o autor, ela ocorre a partir da seguinte afirmação: “Não há, eu lhes disse, o Outro do Outro. Não há no Outro nenhum significante que possa na ocasião responder por aquilo que sou.” (LACAN, 1958-59/2016, p.315). Lacan afirma ser este o “grande segredo da psicanálise” (ibid., p.322) e todo o seu trabalho, a partir daí, vai na direção do real, sem lei, e da incompletude (falta de objeto) e inconsistência do Outro: S(A).

Miller (2013) apresenta sete momentos do ensino de Lacan que surgem como evidências do que ele afirma ser o “desmantelamento metódico, constante, feroz, da pseudo-harmonia da ordem simbólica” (MILLER, 2013, p. 23) ou a desconstrução da metáfora paterna. O primeiro deles é a observação de que Lacan só tenha levado adiante a metáfora paterna e o Nome-do-Pai para mostrá-la deficiente nas psicoses. O segundo seria a elaboração do conceito de objeto *a*, que daria conta de um gozo que não foi absorvido pelo significante, que não recebeu sentido pela metáfora paterna (MILLER, 2013).

O terceiro ponto que marca a direção tomada por Lacan em seu ensino seria a pluralização dos Nomes-do-Pai. Segundo Miller (1992), o título do seminário que antecedeu a excomunhão de Lacan da IPA em 1964 e teve apenas uma aula, “Os Nomes-do-Pai”, denuncia que não há o Nome-do-Pai. A transição d’o Nome-do-Pai aos Nomes-do-Pai é a passagem do um ao múltiplo, sua relativização aponta para o fato de que há mais de um.

Enquanto o Nome-do-Pai pressupõe que haja um modo de gozo “para todos”, a pluralização dos Nomes-do-Pai aponta para a singularidade dos modos de gozo e introduz em cada caso clínico a questão do que, para aquele sujeito, funcionou como Nome-do-Pai.

O quarto momento diz respeito a um mais-além do complexo de Édipo e pode ser localizado por nós no *Seminário 17: o avesso da psicanálise*. Na diferença que coloca entre mito e estrutura, Lacan (1969-70/2007) concebe a castração como “uma operação real, introduzida pela incidência do significante” (: 135), isto é, relativa ao real da estrutura. O pai castrador do mito de Édipo se revela como o sinal do impossível. A castração não coincide, portanto, com a função do pai, ela funda o pai morto como sinal do gozo impossível. O pai ganha o estatuto de uma construção, uma resposta neurótica ao impossível, ao real da estrutura. Desse modo, cessa de fazer do complexo de Édipo uma lei e faz dele “uma história imaginária, organizada, mas imaginária” (MILLER, 2013).

O quinto ponto diz respeito a uma possível interpretação da metáfora paterna, que escreveria a relação sexual pela predominância viril sobre a posição feminina da mãe. Essa interpretação é refutada pela introdução do aforisma lacaniano *não existe relação sexual*, o qual, segundo Miller (2013), arruína a noção de ordem simbólica. No texto *Os seis paradigmas do gozo* (2012)⁷, Miller nomeia esse o paradigma da *não-relação*, referente ao *Seminário 20: Mais, ainda*. Nele, o grande Outro, o Nome-do-Pai e o símbolo fálico desmoronam como semblantes; possuem a função de conectar elementos fundamentalmente disjuntos e, até então, eram considerados transcendentais, primordiais. No entanto, a prática psicanalítica os revela como *suplências* a essa conexão faltante, mas não as únicas.

Miller (2012) inclui o Outro, o Nome-do-Pai e o falo no registro da *rotina*, tradição ou herança, separando-os dos conectores que devem ser inscritos no registro da *invenção*. Ele nos mostra que, ao insistir no conceito da não-relação, Lacan (1972-73/2008) demonstra que o que entrou no registro da rotina ou o que a psicanálise acabou por tomar como necessário revela-se, então, como sendo apenas contingente.

É a não-relação que abala tudo o que éramos levados a admitir como dado, na forma de contrabando, sob o abrigo da estrutura: a articulação S1-S2, uma vez que ela tem efeitos de significado, o Outro enquanto aquele que prescreveria as condições de toda a experiência e, certamente também, a metáfora paterna, articulação nodal do Édipo freudiano, que é da ordem da estrutura, isto é, da relação impensada, da relação dada como o que não cessa de se escrever, próprio de toda necessidade. (MILLER, 2012, p.40)

⁷ Texto originalmente publicado em *La Cause freudienne*, nº 43, 1999, pp. 7-29, estabelecido por Catherine Bonningue e que retoma três lições do curso de J.-A. Miller da Orientação Lacaniana (24, 31 de março e 07 de abril de 1999), ensino pronunciado no âmbito do Departamento de Psicanálise de Paris VIII.

Em sexto lugar, Lacan (1975-76/2007) constrói o nó borromeano de três elos – real, simbólico e imaginário – que são amarrados por um quarto, o do *sinthoma*, sendo o pai um *sinthoma*, entre outros.

Já no *Seminário 3: As psicoses*, Lacan tinha apontado para uma leitura segundo a qual a inscrição do significante do Nome-do-Pai seria uma das possibilidades de conector, de enganchar significações, mas que há outras. Ele faz a analogia entre esse significante privilegiado e uma estrada principal. A estrada principal não é apenas uma via para ir de um ponto a outro, mas ela é um caminho mais rápido, tem função de polarizar as demais rotas, de orientar as habitações, cristalizar cidades. Mas pode acontecer de não a termos e, então, para ir de um ponto ao outro, seremos forçados a adicionar pequenos caminhos uns aos outros.

Os “usuários da estrada” para quem a estrada principal não foi uma escolha, seguem os leiteiros da beira da estrada, análogos, aqui, às alucinações: “ali onde o significante não funciona, isso me põe a falar sozinho à beira da estrada principal” (LACAN, 1955-56/1988, p.339). Há em nós um zumbido, uma “zorra”, com a qual fomos estonteados desde a infância e que fica eludido pela manutenção de significantes privilegiados. Aqueles que alucinam relatam esse murmúrio contínuo de frases e comentários, sem ponto de basta, que nada mais são, na metáfora que Lacan faz, do que a infinidade desses pequenos caminhos. “É ainda uma sorte que eles indiquem vagamente a direção” (LACAN, 1955-56/1988, p.339), completa.

O sétimo ponto elencado por Miller (2013) é o primeiro dessa virada, seu ponto de partida. Após estabelecer a metáfora paterna e servir-se dela para formalizar o complexo de Édipo, Lacan, formula a metonímia desejanste. A evidência de que seu ensino vai em direção à desconstrução do Nome-do-Pai como o Outro do Outro é o fato de, após ter aberto as duas vias – da metáfora paterna e da metonímia desejanste –, ter seguido, por meio do grafo construído nos Seminários 5 e 6, a via do desejo. Miller (2013) argumenta que esse grafo poderia ter sido o grafo do Nome-do-Pai, mas Lacan demonstra, por meio de seu enunciado de que não há o Outro do Outro, a inexistência de uma metáfora terminal que daria sentido ao gozo do qual nosso corpo padece. O que encontramos na análise não é um significante que designa a lei de nosso ser, mas a falta do significante, a falha que torna o Outro inconsistente.

A inconsistência do Outro pode ser melhor entendida à luz do paradoxo dos catálogos de Russell, tal como Lacan apresentou no *Seminário 16: De um Outro ao outro*. O paradoxo se refere a um conjunto formado por todos os conjuntos que não contêm a si mesmos. Um dos exemplos de Russell se refere a um catálogo que conteria todos os catálogos que não contêm a si mesmos. A pergunta que Russell faz é: esse catálogo contém a si mesmo? Se a resposta é sim, se ele contém a si mesmo, ele deixa de ser o catálogo de todos os catálogos que *não*

contêm a si mesmos. Se a resposta é não, ele não contém a si mesmo, ele não é o catálogo de *todos* os catálogos que contêm a si mesmos, visto que faltará sempre ele a ser listado.

Lacan (1968-69/2008) irá apresentar esse paradoxo para demonstrar a impossibilidade de fazer todo com os significantes: faltará sempre um. O Outro completo e consistente é um mito do neurótico, que está sempre preenchendo o furo do Outro, em busca de garantir sua existência: “Na medida em que é do lugar do Outro que depende a possibilidade do sujeito, no que ele se formula, é das coisas mais importantes saber que o que o garantiria, ou seja, o lugar da verdade, é, em si mesmo, um lugar vazado” (LACAN, 1968-69/2008, p.58).

Visto que há uma forclusão generalizada e que as invenções que atuam na estabilização do gozo são singulares, temos uma nova orientação clínica, tal como indica Graciela Brodsky:

Penso que em cada caso, o que devemos nos perguntar não é se o Nome-do-Pai está ou não foracluído, porque, como vemos, os terrenos da forclusão são um tanto amplos. Creio que o que orienta nossa clínica e nossas intervenções, é nos perguntarmos sempre: o que domestica o gozo? E quando o gozo não está domesticado, nos perguntarmos: o que podemos fazer, como analistas, para que um sujeito possa inventar essa função de domesticação do gozo, que na neurose é exercida pelo Nome-do-Pai? (BRODSKY, 2013, p.29)

Uma abordagem que ultrapasse o “tudo ou nada” da metáfora paterna amplifica as possibilidades de leitura da contemporaneidade, das psicoses e dos autismos. No próximo capítulo, nos dedicaremos às aproximações e diferenças entre psicoses e autismos.

1.5 Lalíngua, significante e gozo

No *Seminário 20: Mais, ainda*, Lacan (1972-73/2008) presta uma homenagem a Jakobson, ao mesmo tempo em que rompe com a linguística, forjando o termo *lingüística* para referir-se à linguagem do inconsciente. Assim, separa-se de forma definitiva do estruturalismo, ponto de chegada para a distância que já vinha anunciando haver entre a psicanálise e o estruturalismo.

A definição de inconsciente que persistia até então no ensino lacaniano, como *discurso do Outro e estruturado como uma linguagem* não é invalidada, mas posta para segundo tempo e Lacan estabelece que o inconsciente é um “*saber-fazer com alíngua*” (LACAN, 1972-73/2008, p.149). A linguagem, que por sua vez não preexiste ao sujeito, é “uma elucubração de saber sobre alíngua” (LACAN, 1972-73/2008, p.149). Deslocam-se as relações entre significante e o gozo, e a invenção lacaniana de *lalíngua* oferece uma nova maneira de pensá-las.

É por sua indissociação ao gozo que lalíngua surge no ensino de Lacan. O gozo como tal, é Um, isto é, ele não estabelece relação com o Outro, assim como lalíngua, enxame de S₁. Esses *uns* desarticulados, não visam à comunicação. Eles afetam o corpo, têm efeito de gozo. O significante aqui não implica mais anulação de gozo, mas é também causa de gozo.

Analisar pacientes que não falavam alemão, que falavam inclusive idiomas dos quais Freud não tinha domínio, permitiu que ele muitas vezes operasse com lalíngua, visto que ela é “a fala antes de seu ordenamento gramatical e lexicográfico” (MILLER, 2012, p.38). Foi o caso, por exemplo, de seu paciente russo Serguei Pankejeff, o *Homem dos lobos* (FREUD, 1918[1914]/2006). Ao relatar um sonho, ele diz ter sonhado que um homem arrancava as asas de uma *Espe*, e Freud pergunta o que é uma *Espe*. Ele explica que é um inseto com listras amarelas, o que tinha também relação com uma babá de sua infância, da qual sofrera ameaça de castração, cujo nome, *Grucha*, também significava pêra em russo (por isso a associação às listras amarelas). Freud responde que ele então queria dizer *Wespe* (vespa), ao que ele responde: “Mas ‘Espe’ sou eu, S.P.” – as iniciais de seu nome, Serguei Pankejeff. Com Lacan, podemos supor que *Espe* funcionava como Um-sozinho, que tinha efeito de gozo e se iterava.

Nos casos de autismo, há um congelamento dos S₁, que não remetem a um S₂. Sem esse intervalo entre o Um e o saber, não se instituiu a fenda que funda o campo do Outro como lugar da linguagem, de onde é possível servir-se para construir um saber. O ruído dos significantes soltos foi descrito por Daniel Tammet, um autista que nos apresenta seu funcionamento por meio de relatos autobiográficos: “Escutar às outras pessoas não é fácil para mim. Quando alguém fala comigo, tenho frequentemente a sensação de estar tentando sintonizar uma certa estação de rádio e muita coisa que é dita simplesmente entra e sai da minha cabeça como ruídos.” (TAMMET, 2006: 75, tradução nossa⁸).

No próximo capítulo, trabalharemos as especificidades dos autismos e abordaremos uma questão que se fez necessária ao longo da pesquisa: devemos distinguir psicoses e autismos? Qual é a importância clínica desta distinção?

⁸ “Listening to other people is not easy for me. When someone is speaking to me it often feels like I’m trying to tune in to a particular radio station and a lot of what is said just passes in and out of my head like static.”

2 PSICOSES E AUTISMOS

No capítulo anterior, dedicamo-nos a demonstrar que o Outro, lugar onde se institui a cadeia significante, não é anterior ao sujeito. Vimos que a resposta do sujeito neurótico ao real traumático é a construção de um Pai ideal, o que significa dizer que há um assentimento ao Outro. Vimos também que, com a pluralização dos Nomes-do-Pai, essa resposta se torna uma possibilidade entre outras.

No presente capítulo, nossa questão passa a ser o estatuto dessas respostas nas psicoses e nos autismos, entendendo que há diferenças entre ambos os casos. Como já dissemos no capítulo anterior, não temos dúvidas de que nas psicoses e nos autismos o significante do Nome-do-Pai está foracluído, que ele não incidiu como ordenador da cadeia significante. Se considerarmos esse critério, não nos opomos à afirmação de que o autismo se encontra no terreno das psicoses. No entanto, a pesquisa nos remeteu à clínica com autistas e a especificidades desses sujeitos que tornaram necessária a distinção das psicoses. Acreditamos que há diferença na construção da alteridade na psicoses e nos autismos, que a relação deles com a linguagem tenha especificidades e que as suplências encontradas em cada caso funcionam de maneira distinta.

A seguir, faremos um percurso por alguns autores que consideraram importante a distinção entre psicoses e autismos. Em seguida, pelos conceitos de significante e signo, questionaremos de que forma a linguagem habita esses sujeitos e como eles podem servir-se dela. Por último, seguindo a indicação de Lacan segundo a qual o Nome-do-Pai é uma suplência, entre outras possíveis, discutiremos o estatuto das invenções de psicóticos e autistas.

2.1 Alguns posicionamentos

A discussão sobre a estrutura clínica do autismo é ampla e divide os psicanalistas há muitos anos. Os fenômenos de deslocalização de gozo presente nas clínicas das psicoses e dos autismos levaram, por muito tempo, à indistinção entre elas (MALEVAL, 2015). Por um lado, alguns psicanalistas consideram que o autismo integra a estrutura psicótica, aproximando-o principalmente da esquizofrenia, tal como fez Lacan (1975/1998) na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, quando disse que “há algo no autista ou no chamado esquizofrênico, que se congela, poderíamos dizer” (ibid., p.13) e tomando o autista como um *psicótico em trabalho* (BAIO & KUSNIEREK, 1993).

Outros autores entendem se tratar de uma quarta estrutura, marcada ou por uma foraclusão mais ampla que a do Nome-do-Pai, como defenderam os Lefort (2003), uma

foraclusão do furo (LAURENT, 2014), ou por um outro mecanismo de defesa que não a foraclusão, tal como *elisão* (LAZNIK, 1997). Há, ainda, os que questionam se o autismo é uma estrutura, e chegou-se a chamá-lo de uma *a-estrutura* (MALEVAL, 2003).

Não pretendemos aqui esgotar a discussão passando por todos esses autores, mas privilegiar aqueles que nos ajudaram a pensar a especificidade dos autistas no que diz respeito à alteridade. Primeiro, Rosine e Robert Lefort, que guiaram suas observações na clínica com autistas pela abordagem lacaniana do real e pelo uso do significante-sozinho, o que os levou a elaborar a tese da inexistência do Outro nos autismos (LEFORT & LEFORT, 1984; idem, 2003). Os psicanalistas Jean-Claude Maleval e Éric Laurent também sustentaram suas observações clínicas na abordagem do real e dos efeitos de gozo do significante-sozinho, seguindo as construções do casal Lefort e também orientados pela leitura que Jacques-Allain Miller faz do chamado último ensino de Lacan. Destacaram o autismo do campo das psicoses por suas especificidades, principalmente a *retenção do objeto voz* (MALEVAL, 2009b) e o *retorno do gozo sobre uma borda* (LAURENT, 1992).

2.1.1 – Distinções

O casal de psicanalistas Rosine e Robert Lefort ficou conhecido pela maneira original que abordou a psicanálise com crianças psicóticas e autistas. No livro *Nascimento do Outro* (1980/1990), escrito pela primeira em colaboração com o segundo, apresentam dois casos de crianças atendidas por ela na Fundação Parent de Rosan, entre os anos 1951 e 1952, e dão um passo adiante ao se orientarem para o real e demonstrarem que o Outro simbólico pode não ter existência para um sujeito (LAURENT, 2014).

A partir do tratamento de Marie-Françoise, segundo caso apresentado por Rosine Lefort no livro *Nascimento do Outro* (1980/1990), os psicanalistas fazem suas primeiras elaborações sobre o autismo e principalmente sobre o estatuto do Outro nesse quadro. Para eles, o Outro se apresenta não como portador de objetos causas de desejo, mas como um objeto real, do qual nenhum objeto é destacável. Tanto a presença como a ausência do Outro são reais, impossíveis de simbolizar. Para Marie-Françoise, o Outro enquanto campo dos significantes não está lá e o significante não se relaciona ao corpo – “real e significante ficam cada um por sua conta, com ausência de mutação de um a outro (...)” (LEFORT & LEFORT, 1980/1990, p.284). Ela retira objetos da analista – óculos, lápis –, mas não se interroga em relação ao vazio que esses objetos deixam no corpo do Outro. O Outro é sem furo, o que torna problemáticos os furos de seu corpo e do mundo (janelas, uma cesta, furos dos objetos): “Tudo é furado realmente; em comparação, nenhum significante vem lhe responder de seu

lugar, porque somente o Outro furado pode ser este lugar” (LEFORT & LEFORT, 1980/1990, p. 285). Não podendo servir-se do significante para responder ao furo, Marie-Françoise tenta preencher os orifícios do corpo com seu duplo, como veremos no terceiro capítulo.

Vinte e três anos depois de *Nascimento do Outro* (1980/1990), Rosine e Robert Lefort desenvolveram a obra *La distinction du autisme* (2003), na qual leem os testemunhos de autistas de alto nível (como Temple Grandin e Donna Williams) e também de autores com “traços autísticos” (como Dostoievski e Proust). A partir dessa leitura, defendem a posição do autismo enquanto quarta estrutura, distinto das psicoses, principalmente pelo estatuto do Outro.

Enquanto o Outro no autismo é real, sem falta, por dele não ter se destacado um objeto, o Outro nas psicoses tem uma furo e a posição que os psicóticos assumem a partir daí é de preencher esse furo para salvaguardar o Outro (LEFORT & LEFORT, 2003, p.53). Rosine e Robert Lefort (2003) veem aí a vantagem do duplo autístico em relação à posição de objeto *a* do psicótico, já que o duplo oferece a possibilidade de separação do Outro.

Outro fator que os fez pensar os autismos como quarta estrutura foi a hipótese de uma forclusão mais radical que aquela do Nome-do-Pai (LEFORT, 2003). Em vez da falta de um significante privilegiado no campo dos significantes, caso das psicoses, haveria no autismo uma exterioridade radical de todos os significantes (LAURENT, 2014). Não há Outro senão como presença real; o significante falhou em barrá-lo e há o domínio do Um – significante-sozinho – e não do Outro (LEFORT, 2003). Por sua vez, os significantes são reais e elevados à dignidade da Coisa, o que os torna ameaçadores e enclausura os autistas no mutismo ou na palavra sem demanda: “Não é mais o real que padece do significante, mas o inverso, o significante que padece do real”⁹ (LEFORT & LEFORT, 2003, p.182, tradução nossa).

Os psicanalistas franceses Jean-Claude Maleval e Éric Laurent acompanharam as indicações de Rosine e Robert Lefort, principalmente no acento do Um sem o Outro. Questionaram, por outro lado, a referência a uma quarta estrutura e resistiram a separar os autismos do campo das psicoses durante alguns anos (LAURENT, 1997; MALEVAL, 1997), mas sempre destacaram suas especificidades. Hoje, elaboraram a hipótese de uma estrutura autística, a qual parece ter mais a ver com o que há de constante entre esses sujeitos do que uma nova maneira de pensar o autismo como quarta estrutura, a qual se somaria à neurose, psicose e perversão.

⁹ Ce n’est plus le reel qui pâtit du signifiant, mais l’inverse, le signifiant qui pâtit du reel.

¹⁰ Os psicanalistas fazem referência à passagem do *Seminário 7: A ética da psicanálise*, em que Lacan define a Coisa como “o que, do real, padece do significante” (LACAN, 1959-60/2008, p.152).

A seguir, tomaremos como eixo principal um texto de Maleval (2015), no qual ele diferencia autismos e psicoses, elencando critérios para isso. O título do artigo antecipa a posição defendida pelo psicanalista: *Por que a hipótese de uma estrutura autística?* Como acompanharemos a seguir, os critérios que o fizeram excluir os autismos do campo das psicoses foram: ausência de delírio e alucinações verbais; vontade de imutabilidade; o fato de o autismo não se desencadear; a inexistência de uma saída do autismo, ou seja, “o autismo evolui na direção do autismo” (ibid., p.11). A hipótese de uma estrutura autística será defendida pela apresentação das especificidades mais comuns a esses sujeitos: *a retenção do objeto voz* e, seguindo a fórmula introduzida por Éric Laurent (1992), *o retorno do gozo sobre uma borda*.

O primeiro fator trabalhado por Maleval (2015) foi aquele que fez com que o autismo fosse, na psiquiatria, retirado do campo das psicoses: a *ausência de delírio e alucinações verbais*. Não há uma construção delirante que ponha em jogo o imaginário do corpo, ou que localize perseguidores, como, por exemplo, Schreber, que afirmava que seu corpo era objeto de ações divinas. Já em relação às alucinações, Maleval (2015) diz não haver, nem nos estudos de Kanner e Asperger, nem no dos próprios autistas, relatos de alucinações.

Na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, Lacan (1975/1998) afirma que os autistas escutam a si mesmos e que isso desemboca em uma alucinação de caráter vocal, mas que nem todos escutam vozes. Podemos entender que essas vozes não são atribuídas a outras pessoas, o que distingue essa alucinação daquela presente no automatismo mental das psicoses. Outrossim, na prática, vê-se que delírio e alucinação não são categorias exclusivas das psicoses, ou, ainda, que há psicoses em que esses fenômenos parecem estar ausentes. Esses critérios, portanto, são insuficientes para fazer o diagnóstico diferencial (MALEVAL, 2015).

O segundo fator elencado por Maleval (2015) no artigo é a *vontade de imutabilidade* (ibid., p.6), descrito por Kanner (1943) como “*desire for sameness*” (ibid., p.249), maior característica dos sujeitos autistas, junto com a vontade de solidão/isolamento. Maleval (2015) lamenta que esse critério tenha perdido o peso nos manuais psiquiátricos DSM-III (um item, entre seis) e DSM-IV (um item, entre quatorze). No DSM-V, lançado em 2013, o diagnóstico “Transtorno do Espectro do Autismo”, TEA, tem duas grandes categorias: I) Déficits sociais e de comunicação; II) Comportamentos repetitivos e restritivos. O que estamos chamando de vontade de imutabilidade é descrito como “Apego extremo a rotinas e padrões e resistência a mudanças nas rotinas, sinais ritualísticos”, e constitui um entre quatro itens, dos quais apenas dois precisam estar presentes para que o diagnóstico seja confirmado. Ou seja, essa

especificidade foi, com o tempo, perdendo seu peso enquanto traço fundamental desses sujeitos. Laurent (1997) também comenta esse traço, associando-o a uma relação persecutória dos autistas com o saber, da recusa do S2:

Há um traço disso na vontade de que nada se mova, que o mundo permaneça exatamente no mesmo lugar, que não haja o menor deslize metonímico, cujo preço se vê quando isso acontece. É essa vontade de que nada se mova que produz a crise decorrente de algo que não está mais em seu lugar (LAURENT, 1997, p.43).

Na clínica, assistimos a muitos fenômenos que atestam a presença desse traço nos autistas. Um menino que acompanhei em uma instituição era atendido individualmente no início, mas outras crianças com a mesma idade foram chegando ao serviço e fomos, pouco a pouco, formando um grupo a partir daquele primeiro paciente. Ele, no entanto, a cada criança nova que chegava, tinha acessos de raiva e apresentava enorme desorganização. Também sua mãe falava que ele tinha muitas “manias de arrumação”, que em casa passava horas organizando seus sapatos, gostava de colocar pratos e talheres na mesa de uma certa maneira e tinha os mesmos acessos de raiva quando algo se encontrava fora do lugar. Outro menino buscava pôr ordem no caos do grupo do qual fazia parte e, para isso, colocava as outras crianças e os técnicos que o acompanhavam sentados em lugares determinados. Era um trabalho árduo, já que todos se levantavam em algum momento e isso lhe causava intensa angústia.

Em livro escrito com coautoria de sua mãe, Sean Barron (1992) comenta uma ocasião em que se pôs a abrir e fechar as quatro portas iguais que havia na sala de um psicólogo, para assegurar-se de que o que havia atrás delas permanecia igual:

Havia um bando de portas idênticas na sala. Eu precisava saber aonde as portas levavam – elas terminavam ou levavam a algum outro lugar? (...) Uma vez que eu comecei a abrir e fechar todas as portas, eu estava bem. Obviamente, eu precisava continuar fazendo isso porque mesmo que eu visse aonde uma porta levava, eu pensava que isso poderia mudar, então eu tinha que abri-la mais uma vez para conferir. Eu precisava fazer isso com todas elas porque eu nunca podia ter certeza a menos que eu visse¹¹ (BARRON & BARRON, 1992, p.39, tradução nossa).

No mesmo livro, Sean relata o que sua mãe chamou de uma certa “fobia” de ter copos de água na mesa quando eles iam a um restaurante. Em uma ocasião, ela se distraiu e o atendente serviu copos d’água para eles e Sean jogou-se no chão, contorcendo-se e gritando, enquanto tapava os ouvidos. Ele conta que se tratava de uma regra que ele tinha sobre copos d’água em restaurantes. Além de considerar a água sem gosto e insípida, para ele, ela não

¹¹ There was a brunch of identical doors in the room. I needed to know where those doors went – did they lead somewhere else? (...) Once I began opening and closing all the doors, I was all right. Of course, I had to keep doing it because even if I saw where one door went, I thought it might change, so I had to open it again and again to check. I had to do that with all of them because I could never be sure unless I did.

deveria nunca ser servida junto com a refeição em um restaurante. Segundo ele, era preciso mostrar que sua regra não deveria ser quebrada (BARRON & BARRON, 1992).

Essa passagem nos dá notícias do valor que as regras podem ter para alguns autistas. Maleval (2015) faz preciosas indicações clínicas a esse respeito, ao diferenciar a vontade de imutabilidade dos autistas da ironia esquizofrênica pela relação que eles têm com as regras: enquanto a primeira leva à busca de regras às quais os autistas se agarram, tomando-as como absolutas, a segunda atesta uma rejeição às regras: “Todo clínico sabe que tentar moderar a angústia de um psicótico por meio de explicações racionais não tem muito efeito; por outro lado, o autista lhes dá bastante importância, e elas podem ser imensamente apaziguadoras para ele” (MALEVAL, 2015, p.8). A partir desse critério, o psicanalista nos dá uma indicação importante sobre o estatuto da alteridade nos dois casos: o esquizofrênico rejeita o Outro, já o autista busca construir um “Outro de síntese” (ibid., p.8), conceito elaborado pelo próprio Jean-Claude Maleval, que abordaremos no próximo capítulo, quando tratarmos das alteridades possíveis nos autismos.

Essa diferenciação em relação ao Outro na esquizofrenia e nos autismos nos remete ao artigo em que Kanner (1943) descreve fenômenos do que foi posteriormente nomeado de Síndrome do Autismo Infantil Precoce. Ele observa que os autistas vão em direção à alteridade, muitas vezes saindo do isolamento, e, por outro lado, o esquizofrênico recolhe seus investimentos, isolando-se:

Enquanto o esquizofrênico tenta solucionar seu problema saindo do mundo de que fez parte e com o qual esteve em contato, nossas crianças estabelecem gradualmente o compromisso de estender seus cautelosos tentáculos para um mundo em que desde o início foram totalmente estrangeiros¹² (KANNER, 1943, p.249, tradução nossa).

Outro critério que fora também especificado por Kanner (1943) e elencado por Maleval (2015) diz respeito ao momento da aparição dos distúrbios: *o autismo não se desencadeia*. Ele observa que as manifestações das psicoses são geralmente precedidas de pelo menos dois anos de desenvolvimento “normal”, que há uma mudança gradual de comportamento, o que não ocorre nos casos de autismo, em que as manifestações já aparecem bem no início da vida. Ou seja, as psicoses se desencadeiam, enquanto o autismo está ali desde bem cedo. Ainda assim, é preciso distinguir o desencadeamento que ocorre na adolescência ou na idade adulta – aquela do encontro com Um-pai que marca uma ruptura, uma descontinuidade entre antes e depois – das psicoses que se declaram na infância. Segundo Barroso (2012), a clínica com crianças colocaria um limite à noção de

¹² “While the schizophrenic tries to solve his problem by stepping out of a world of which he has been a part and with which he has been in touch, our children gradually compromise by extending cautious feelers into a world in which they have been total strangers from the beginning.”

desencadeamento. Frequentemente, os distúrbios do corpo simbólico se manifestam nas crianças psicóticas antes do encontro com Um-pai (BARROSO, 2012).

Maleval (2015) acrescenta que a maioria dos casos de psicose é desencadeada na adolescência e o autismo se manifesta quase sempre desde os primeiros anos. Mesmo com essa oposição, ele sublinha que esse fator não deve ser decisivo ou ser o único a ser levado em conta no diagnóstico diferencial, pois há casos de esquizofrenia precocemente desencadeada. A separação entre esses diagnósticos foi feita nos manuais de psiquiatria por não terem encontrado relação entre os dois ao estudarem tanto a infância de esquizofrênicos, quanto a evolução dos autistas. Outro argumento que levou a essa divisão se refere à inexistência de períodos de remissão do autismo, como ocorre na esquizofrenia, e existência de um “funcionamento específico permanente” (MALEVAL, 2015, p.10).

Isso nos leva a outro fator levantado por Maleval (2015): *o autismo evolui na direção do autismo*. Para o psicanalista, não há passagem do autismo para a psicose, mas do autismo de Kanner à síndrome de Asperger. Uma vez que se trata de um modo de funcionamento específico, não se sai disso.

É muito frequente que um psicótico, após estabilização, critique seu estado anterior, delirante. Aimée, nome fictício da paciente acompanhada por Lacan no hospital Sainte-Anne que deu origem a sua tese de doutorado, perguntava-se “como eu pude acreditar nisso?” (LACAN, 1932/1987, p.153), ou sentia remorso e vergonha quando se referia às lembranças de sua fase delirante.

É possível que os sujeitos de estrutura psicótica pareçam encontrar uma saída da psicose clínica, alguns são capazes de uma crítica ao seu próprio delírio passado; ao contrário, os autistas de alto nível, os mais estabilizados, não consideram escapar nunca de seu funcionamento autístico: todos insistem no fato de que ele persiste de uma forma atenuada. (MALEVAL, 2015, p.13)

No entanto, essa não é uma posição unívoca entre os psicanalistas. Muitos defendem a possibilidade de uma saída do autismo pela psicose. Guillermo Belaga (2007), por exemplo, entende que o autismo seja uma fase transitória, passível de evoluir no sentido da psicotização. Laurent (1997) não rejeita a hipótese de que possa haver uma passagem do autismo a um estado psicótico e admite que essa impressão pode advir da instalação da transferência e conseqüente aceitação de um novo parceiro. Uma saída do autismo seria possível, então, enquanto fenômeno transitório, pela instalação de uma estrutura psicótica. O psicanalista considera importante preservar esse registro de transformação do sujeito em direção à psicose no decorrer da experiência (LAURENT, 1997).

Há, ainda, os *escritos dos autistas*, dos quais muitos psicanalistas se servem constantemente para fazer suas elaborações teóricas. Muitos autistas considerados de alto

desempenho puderam escrever testemunhos sobre si, sobre suas experiências. Maleval (2015) destaca como característica comum a esses escritos o pedido para que sejam reconhecidos como pessoas inteligentes, a reivindicação por melhores considerações de suas diferenças. Escrevem em nome de todos os autistas, a fim de explicar como funcionam e reclamar seus direitos.

Temple Grandin (1986/2014), uma das autistas de alto desempenho mais conhecidas no mundo, considera-se “uma esperança para os pais e profissionais que lidam com autistas” (ibid., p.20), já que esse diagnóstico não a impediu de alcançar uma vida independente. Hoje com 69 anos, Temple é PhD em Zootecnia e projeta instalações para pecuária, área que revolucionou ao descobrir maneiras menos cruéis de abate do gado. Escreveu diversos livros sobre esses estudos, mas também sobre o funcionamento autístico, principal tema de suas palestras. Em um de seus livros, conta que ainda enfrenta problemas nas relações com as pessoas, mas consegue lidar com o mundo. E explica: “Os incidentes que me lembro contam uma história fascinante sobre como as crianças autistas percebem e reagem de forma incomum ao mundo estranho que as cerca – o mundo ao qual tentam desesperadamente impor alguma ordem” (ibid., p.19). Josef Schovanec, primeiro autista francês a publicar um livro, milita principalmente a favor da escolarização de crianças autistas. Em seu livro *Je suis à l'est* (2013), ele conta das dificuldades que teve em frequentar a escola, principalmente pela convivência com seus colegas, mas ressalta a importância de tê-lo feito, principalmente pela aprendizagem de regras sociais.

Essas falas são muito diferentes do que produzem os chamados “loucos literários” (MALEVAL, 2015, p.14), os escritos de psicóticos que não se designam como tais, não falam em nome de outros psicóticos e, geralmente, escrevem para anunciar alguma descoberta grandiosa sua sobre o mundo. Ainda, enquanto muitos autistas contam quase sempre com assessoria para seus escritos, os psicóticos não se inclinam a esse tipo de colaboração.

Após constatar essas diferenças e separá-los das psicoses, Maleval (2015) busca cernir as especificidades dos autistas e a questão passará a ser sobre o que há de constante nos autismos e se elas fazem com que ele seja considerado uma estrutura:

A constatação é unânime, mas, por outro lado, cernir as características desse modo de funcionamento original se mostra muito mais complexo. Haveria uma maneira de compor com a hiância do Outro sem passar pela fantasia neurótica, o fetiche perverso ou o delírio psicótico? (MALEVAL, 2015, p.16)

Estudaremos a seguir os dois elementos principais destacados por Maleval (2015) como o que faria existir a estrutura autística: *retenção do objeto voz e retorno do gozo sobre uma borda*.

2.1.2 Especificidades

O objeto voz e o primado do signo

Além dos objetos já privilegiados por Freud – anal e oral –, Lacan (1962-63/2005) destacou o objeto olhar e o objeto voz, aos quais correspondem as pulsões escópica e invocante. Assim como o olhar não se confunde com a visão, a voz não é vocalização, mas o que encarna a falta no campo verbal. A música, as palavras, o canto e a beleza da voz são recursos que usamos para tratar o objeto vocal, por velarem a vertente de amputação da voz, de objeto separado do corpo (BASTOS, 2014).

Para Lacan (1962-63/2005), a incorporação da voz do Outro é o suporte da identificação primordial e requer um assentimento à alteridade do que é dito. Trata-se de uma operação que só pode ser realizada sob o fundo de uma falta – efeito da operação de castração – posta no lugar do Outro: “A voz, portanto, não é assimilada, mas incorporada. É isso que pode conferir-lhe uma função que serve de modelo para nosso vazio” (LACAN, 1962-63/2005, p.301).

Para abordar a incorporação da voz, Lacan (1962-63/2005) recorre à ilustração que um psicanalista usou para se referir a tal operação: a atividade de um pequeno animal chamado dáfnia. O animal, que vive no mar e se assemelha a um camarão, em determinado momento, introduz partículas de areia em um aparelho estato-acústico e se fecha, de modo que passa a ter dentro de si guizos necessários a seu equilíbrio. No *Seminário 16*, Lacan (1968-69/2008) volta a usar tal ilustração, dessa vez comentando um experimento científico. Os cientistas substituíram os grãos de areia por pedaços de ferro e puseram-se a brincar com a dáfnia, o que a fazia, segundo ele, gozar. A comparação se dá com o objeto *a*, que se aloja no vacúolo de gozo – *das Ding* – agitando-o por dentro (LACAN, 1968-69/2008).

O exemplo interessa à medida em que as partículas que são, não assimiladas, mas incorporadas, são objetos que regulam, equilibram. No entanto, corremos o risco de com ele substancializar o objeto *a* que, pelo contrário, só se produz em sua queda, como perda. O objeto voz é mancha ou silêncio no campo vocal (BASTOS, 2014). Ele é resto, “aquilo que sobrevive à provação da divisão do campo do Outro pela presença do sujeito” (LACAN, 1962-63, p.243) ou, ainda, “tudo aquilo que, do significante, não concorre para o efeito de significação” (MILLER, 2013a, p.7).

Apesar de não ter a ela atribuído o estatuto de objeto, Freud muitas vezes tratou da voz, especialmente em suas investigações acerca da atividade do supereu nas psicoses. Com Lacan, a experiência clínica das psicoses fez com que ele isolasse a voz enquanto objeto *a*,

por seu caráter de exterioridade em relação ao sujeito (MILLER, 2013a). Da análise de uma das pacientes atendidas no hospital Sainte-Anne, Lacan destacará uma alucinação verbal narrada por ela. Perseguida pelo amante de uma vizinha, ela afirma ter escutado dele a injúria: “porca”. Em seguida, ela admite ter murmurado a seguinte frase, que precedeu a injúria: “eu venho do salsicheiro”. Aqui, não se trata de uma mensagem recebida sob forma invertida (LACAN, 1955-56/1988), mas de algo que tem relação com a dimensão objetual da voz. O significante “porca”, como resto vocal, retorna do real. Dito de outra maneira, parte da cadeia significante, uma “carga de gozo” (MILLER, 2013a, p.11) que não pode ser assumida pelo sujeito, é atribuída a uma alteridade.

Em seu *Breve discurso aos psiquiatras de Sainte-Anne*, Lacan (1967b) afirma que os verdadeiros homens livres são os loucos, que não têm demanda de pequeno *a*, ele tem seu objeto *a*. Segundo Miller (2013a), se podemos dizer que o psicótico é um homem livre, é porque a voz do Outro se encontra com ele, já respondida, ele não espera por ela. A espera pela voz no campo do Outro é o que prende o neurótico ao Outro, à medida em que se espera que o Outro responda sobre o que há de indizível, ponto opaco, aquilo em torno de que o significante gira, mas não pode atingir. Ainda mais livres, como observa Maleval (2007), são os autistas:

Ninguém mais que o autista é um sujeito livre, dolorosamente livre, de uma liberdade potencial que um engajamento alteraria. Ele rejeita toda dependência em relação ao Outro: ele recusa ceder o objeto de seu gozo vocal, de modo que ele resiste radicalmente à alienação de seu ser na linguagem, desde então, mais ainda que para os outros psicóticos, é pertinente sublinhar que ele se quer livre. (MALEVAL, 2007, p.74)

No caso dos autismos, não se trata da ruptura da cadeia significante, pois não há S_1 e S_2 , apenas reiteração do Um. Trata-se da recusa em ceder o objeto vocal. A retenção da voz, por ela ser o objeto pulsional que comanda a identificação primordial, é um empecilho à inscrição do sujeito no campo do Outro. Como esta ligação não se produz, o S_1 não funciona como o que representa o sujeito junto aos outros significantes (MALEVAL, 2007). O gozo da voz encontra-se apagado, depurado (MALEVAL, 2015). Uma vez que a voz no campo do Outro é aquilo que pode prender ao Outro, fazer do sujeito um eterno pedinte, o autista se recusa a ceder esse objeto, que o lançaria nesse campo.

Essa recusa é bastante evidente no mutismo autístico, mas não apenas. Na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, Lacan (1975/1998) chama atenção não para o mutismo dos autistas, mas para o fato de serem verbosos. Conseguem fazer uso da língua sem se implicarem na posição enunciativa. Falam de bom grado, mas na condição de nada dizer

(MALEVAL, 2007). A entonação que usam quando falam, muitas vezes monocórdica e “robotizada”, é prova disto.

A partir dessas constatações, Maleval (2007) nos dá uma importante indicação clínica, que é também um desafio para aqueles que trabalham com esses sujeitos: “A palavra pode lhes interessar na condição de que ela não seja portadora da voz” (ibid., p.72). É preciso inventar maneiras de dizer-lhes algo, esvaziando nossa presença enunciativa, sem querer demasiadamente. Sobre isso, na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, Lacan (1975/1998) adverte seu interlocutor, explicando que se os autistas não o escutam é justamente por ele se ocupar deles.

Na experiência que tive em um CAPS infantil, vi, por exemplo, crianças ditas autistas se fascinarem e despenderem muita atenção às brincadeiras com fantoches em que eram reproduzidas vozes diferentes das nossas, cantadas, com diferentes entonações. Outra vez, percebi que a mudança na forma que eu chamava um dos meninos pelo nome tinha efeitos curiosos. Eu falava seu nome com certa musicalidade, o que o levava a me olhar, rir e repetir minha entonação, de forma que assim era possível para ele responder a meu chamado. Também houve o caso em que uma psicóloga estrangeira trabalhou no serviço e vi as crianças se interessassem muito pelas músicas que ela cantava ou simplesmente pela fala dela, com sotaque estrangeiro, tal como Donna Williams (1992/2012) gostava de escutar uma colega e sua mãe falarem, ambas italianas. A musicalidade, a entonação diferente da nossa habitual, a fala sem dizer ou sem endereçamento, interessava-os.

Voltaremos a abordar esse tema no próximo capítulo, quando estudaremos as maneiras pelas quais os autistas saem do mutismo, que não equivalem necessariamente à cessão do objeto voz.

Quando buscam se comunicar, a recusa em ceder o gozo vocal leva os autistas a utilizarem elementos que não funcionam como receptáculos de gozo, elementos depurados do gozo vocal: “o uso do significante se encontra apagado em proveito do signo” (MALEVAL, 2015, p. 22).

O conceito de signo do qual Maleval (2015) se serviu para construir sua hipótese partiu de Charles Sanders Peirce, cuja definição Lacan também pegou de empréstimo para diferenciar signo e significante no *Seminário 9: A identificação* (1961-62), e *Seminário 10, A angústia* (1962-63/2005). Segundo a definição de Peirce (2005), um signo “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. (...) O signo representa alguma coisa, seu objeto” (PEIRCE, 2005 p.46). Peirce (2005) determina que a divisão mais importante dos signos se dá em três classes: (1) *ícones*, que são geralmente imagens que designam seu objeto

por similaridade, tais como fotografias, desenhos e diagramas; (2) *índices*, um signo que tem conexão real com o objeto e capacidade de juntar duas experiências: o catavento, por exemplo, é índice da direção do vento; (3) *símbolos*, que são regras gerais: “a palavra, em si mesma, não tem existência, embora tenha um ser real que consiste no fato que os existentes deverão se conformar a ela” (PEIRCE, 2005, p.71). O uso dos signos pelos autistas se refere principalmente às duas primeiras definições, de ícone e índice, visto que muitos relatam a dificuldade em generalizar (MALEVAL, 2015). Seguindo Maleval (2015), iremos nos referir a signo considerando sobretudo suas classes de ícone e índice.

Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan (1960/1998) definiu o significante como “aquilo que representa o sujeito para outro significante” (ibid., p.833). Essa definição pode ser tomada como a única possível, pois persiste ao longo de todo ensino lacaniano. No que se refere ao signo, Lacan (1961-62) utilizou a princípio a definição de Peirce. O exemplo utilizado por Peirce do qual Lacan se apropria é que a *fumaça é signo do fogo*. O signo enquanto índice tem relação direta com aquilo que ele representa. O significante, por outro lado, encontra-se separado da representação, tem relação com outros significantes.

Para explicar o advento do significante enquanto tal e sua diferença ao signo, Lacan (1957-58/1999; 1961-62) cita o encontro de Robinson Crusoe com a pegada de Sexta-feira e elabora a antítese entre *la trace de pas* (rastro de passo) e *le pas de trace* (o nenhum rastro). No conto, Crusoe depara-se com uma pegada humana na areia da ilha deserta onde habitava há dezoito anos sem nunca ter se deparado com outro ser humano. Aquele vestígio, sinal de que outro humano havia passado ali e ele não estava sozinho na ilha, era um rastro, mas não era um significante. A presença daquela marca o deixa desorientado, com medo, perseguido. Caso Crusoe tivesse apagado aquele rastro, chegaríamos à dimensão significante, por seu caráter vazio, evanescente e passível de anulação. Quando anulamos qualquer coisa, nós a elevamos à dignidade de significante (LACAN, 1957-58/1999). A passagem do passo (*pas*) ao não (*le pas*) é aquela do signo ao significante.

No *Seminário 10: A angústia*, Lacan (1962-63/2005) articula os dois termos usando o exemplo do comportamento obsessivo: por ter captado a propriedade de engano do significante, o obsessivo tenta encontrar o signo por baixo do significante.

Ungeschehen machen, desacontecer a inscrição da história. Isso aconteceu assim, mas não é uma certeza. Não é certeza porque é apenas um significante e porque a história, portanto, é um artifício. Tem razão o obsessivo; ele captou alguma coisa e quer chegar à origem, à etapa anterior, à do signo (LACAN, 1962-63/2005, p.74).

Anular e negar o que se diz são tentativas de reencontrar no significante a função de signo, um “vício original de estrutura”, segundo Lacan (1962-63, p.152), movimento no qual o obsessivo se empenha e se extenua.

Para os autistas, o rastro não se apagou e, enquanto signo, ele porta a coisa e significa algo em si. Ao contrário dos significantes, os signos permitem que os autistas tratem a linguagem como um objeto manejável. A palavra não faz inexistir aquilo de que se fala (MALEVAL, 2015, p.23). Há uma conexão rígida entre a palavra e o referente, que constituem elementos que não efetuam a morte da coisa. Essa característica de serem *parasitados pelo referente*, somada à *incapacidade de funcionarem como receptáculos de gozo* são as duas principais diferenças dos signos em relação aos significantes (MALEVAL, 2003).

Sabemos que, dentre os diferentes signos, as crianças autistas apreciam particularmente os ícones, ou seja, signos justificados ao menos parcialmente, que representam esquematicamente a entidade, a pessoa, o acontecimento ou o atributo designado (por exemplo, o S das placas de trânsito que designam os ziguezagues, a planta de uma casa, as imagens de homens e mulheres na entrada dos banheiros, etc.). Eles os apreciam porque o ícone constitui o signo mais adequado à sua tentativa de codificação do mundo; nela se revela imediatamente uma conexão rígida do signo à imagem do referente. (MALEVAL, 2003, p.23)

Para construir sua tese sobre o primado do signo nos autismos, Maleval se apoiou principalmente nos escritos dos chamados autistas de alto nível, que puderam descrever a forma da qual se serviram da linguagem para conseguir se comunicar. Um exemplo conhecido é o de Temple Grandin, que explicou seu funcionamento ao afirmar que pensa em imagens, comparando-se ao mecanismo de busca *Google imagens*. À ordem “pense em uma torre de igreja”, por exemplo, ela não responde pensando em uma ideia generalizada de torre de igreja, mas visualiza rapidamente a série de torres de igrejas que já viu em sua vida (GRANDIN, 2010). Por isso, diz ter mais facilidade em decorar substantivos do que verbos. Mais difícil ainda, ela conta, é decorar conceitos sem poder anotá-los – ou seja, produzir uma imagem deles. Para decorar noções abstratas, recorre a uma técnica que consiste em associá-las a referentes concretos: “Quando penso em conceitos abstratos como as relações humanas, uso símiles visuais – por exemplo, as relações entre as pessoas são como uma porta de vidro de correr que precisa ser aberta para não quebrar” (GRANDIN, 1986/2014, p.133). O pensamento em imagens de Temple Grandin funciona porque a imagem é a forma mais acabada do signo icônico, o que melhor representa a coisa (MALEVAL, 2003).

O estatuto dos signos nos permite compreender por que Josef Schovanec (2016) afirma, por exemplo, que é um grande horror para os autistas o fato de várias pessoas poderem ter um mesmo nome. No código ideal dos autistas, as palavras possuem referências

concretas, ou seja, seu significado pode se ligar a uma imagem ou a uma coisa. Nesse código, cada palavra teria um único sentido colado a ela, o que os dispensaria da necessidade de interpretação (MALEVAL, 2015). Os autistas se decepcionam quando se deparam com a linguagem enquanto sistema que é, no qual o significado de uma palavra só pode ser dado em função de outras (MALEVAL, 2009b). Na medida em que o significante encontra-se separado da representação, não representa nada em si mesmo, sua equivocidade desorienta, engana, o que implica que um sujeito, ao mobilizar significantes, se faça representar.

Retornaremos a essa questão no terceiro capítulo, para abordar o *Outro de síntese*, o Outro que não é campo dos significantes, mas conjunto de signos. Visto que o presente capítulo se refere às diferenças que nos fazem separar o autismo do campo das psicoses, a pergunta que insiste é: e nas psicoses? A literalidade, tão comum nos fenômenos psicóticos, não se refere também à estreita relação entre palavra e coisa?

Para responder à questão, recorreremos a um clássico exemplo freudiano. Em *O inconsciente*, Freud (1915/2006) ressalta que é próprio do funcionamento esquizofrênico tratar as palavras como coisas e observa nesses pacientes uma fala “afetada” e “preciosa” (FREUD, 1915/2006, p.202). Para exemplificar, comenta uma passagem clínica de uma paciente de seu colega Victor Tausk: após discutir com seu amante, essa moça dirigiu-se ao hospital e queixou-se de que seus olhos estavam tortos. Durante seu relato, ela se refere ao amante como *Augenverdreher*, termo alemão que tem o sentido figurado de *enganador* mas, literalmente, significa *entortador de olhos*.

Segundo Freud (1915/2006), trata-se da prevalência da representação-coisa sobre a representação-palavra, ou seja, do funcionamento inconsciente (processo primário, tal como nos sonhos) sobre o funcionamento pré-consciente/consciente. O exemplo expõe o chamado *inconsciente a céu aberto* das psicoses: uma histérica, observa Freud, teria de fato entortado os olhos, sem ter podido dizer nada sobre isso. Estamos no terreno das representações da pulsão, o que confere às palavras uma carga de gozo. A “fala do órgão” (FREUD, 1915/2006, p.203) é prova da encarnação das palavras no corpo, enquanto o que se observa nos autismos é a desconexão entre palavra e corpo.

Sabemos que nos anos 70 Lacan abandona a definição de signo de Peirce e a reformula. Retomando a máxima de que não há fumaça sem fogo, ele a modifica pensando a função do signo como correlata à do gozo: a fumaça é signo do “produtor do fogo” (LACAN, 1970, p.412). O signo será entendido como marca de gozo, a produção da fumaça será figura de um gozo fora da estrutura (VIEIRA, 2009). Considerar nessa discussão a definição de signo à qual Lacan chegou nos anos 70 requereria de nós um estudo mais específico do

conceito de letra, introduzido também nesse momento do ensino lacaniano. Portanto, decidimos privilegiar a definição de signo de Peirce, com sua relação fundamental com o referente, por ela nos ajudar a pensar o uso particular que os autistas fazem da linguagem.

Retorno do gozo sobre uma borda

O retorno do gozo sobre uma borda ao qual Maleval (2015) se referiu, remete-se a uma intervenção feita por Éric Laurent (1992), pela qual ele diferenciou o retorno do gozo nos autismos do retorno do gozo que se dá no Outro, na paranoia, e no corpo, no caso da esquizofrenia, localizando-o em uma borda, no caso dos autismos.

A ideia de borda é inicialmente paradoxal quando nos referimos aos autistas, visto que eles não formam a imagem corporal, mas Laurent (2014) explica que é justamente pela ausência da construção do corpo que o conceito de borda pôde ser inventado, advindo da ideia de uma carapaça que fecha, isola os autistas do Outro: “A carapaça funciona como uma bolha de proteção para o sujeito. Se ele não tem corpo e, portanto, não tem imagem do corpo, ele tem sua cápsula ou uma bolha muito sólida que lhe permite defender-se das manifestações do Outro que lhe são dirigidas” (LAURENT, 2014, p.78). Trata-se de uma borda forjada, que Laurent (2014) chamará de *neoborda*: “lugar onde o sujeito está situado, lugar de defesa maciça, um lugar de pura presença” (LAURENT, 2014, p.79).

Por estarem imersas no real, os autistas nos ensinam que, nessa dimensão, não há furo e nem pode haver. Disso decorrem tanto a intolerância aos furos (por exemplo, a insistência em manter uma porta fechada), quanto a tentativa de produzir furos via automutilação, por onde o excesso de gozo que acomete seu corpo poderia sair (LAURENT, 2014). Se não há furo, como podemos pensar em uma borda, visto que a borda delimitaria um furo? Laurent (2014) esclarece que, enquanto carapaça, a *neoborda* é um limite corporal intransponível, através do qual nenhuma troca parece possível. No entanto, ele aposta no deslocamento e no relaxamento dessa *neoborda*, de maneira que um espaço que não seja nem do sujeito, nem do Outro, possa ser criado. Voltaremos a essa especificidade no próximo capítulo, quando abordaremos a função dos objetos autísticos e sua função na construção e deslocamento das chamadas *neobordas*.

2.2 Invenções

Como dissemos anteriormente, nossa escolha por fazer referência aos autismos e psicoses no plural justifica-se no acento que colocamos sobre a pluralidade das invenções que fazem esses sujeitos radicalmente singulares. Aflalo (2012) recorre à origem do termo

autismo para discutir a questão da singularidade. Formulada por Bleuler, a palavra *autismo* seria uma contração do termo freudiano *auto-erotismo*, da qual fora subtraída a referência a *eros*. A polidez que fez com que ele eliminasse a conotação sexual do termo foi criticada por Freud: “cede-se primeiro em palavras e depois, pouco a pouco, em substância também” (FREUD, 1921/2006, p.102). Aflalo (2012) chama atenção para as múltiplas significações que a palavra pode encobrir e, ainda, para o fato de a profecia de Freud ter se concretizado: ao longo do tempo, o termo *autismo* serviu cada vez mais para rejeitar a psicanálise. Ao tomar o *autismo* como objeto de pesquisa – em busca do ideal de universalização da ciência –, rejeita-se a psicanálise e seu real, e resta apenas o real biológico, comandado por leis que valem para todos (AFLALO, 2012).

Ansermet (2013) nos mostra que os atuais estudos genéticos que buscam a etiologia do autismo em sequências de gens que sejam comuns a todos os autistas, depararam-se com a unicidade genética, que quer dizer que cada autista tem sua base genética particular. Tais resultados levam à decomposição da unidade da síndrome autística em uma “nuvem de subsíndromes, todas diferentes, únicas, sem que se entenda as conexões que poderiam unilas.” (ANSERMET, 2013, p.85). Levam também a ciência a topar com o real da psicanálise, sem lei, que nos obriga a tomar os sujeitos um a um, em uma clínica que só é possível no caso a caso. Segundo Éric Laurent: “Esse horizonte nos permite pensar que o futuro do espectro dos autismos repousa nos próprios autistas, em outras palavras, nos sujeitos autistas, com a singularidade própria de cada um” (LAURENT, 2014, p.77).

Como vimos no primeiro capítulo, com a pluralização dos Nomes-do-Pai e a direção que o ensino laciano tomou rumo ao real, desvelando a falta de garantia do Outro, Lacan (1975-76/2007) afirmará que o pai é um *sinthoma*, sendo este o quarto anel do nó borromeano, que enlaça os outros três anéis – real, simbólico e imaginário. Nesse mesmo Seminário, Lacan (1975-76/2007) afirma que, ao ser bem-sucedida, a psicanálise afirma que podemos prescindir do Nome-do-Pai, com a condição de nos servirmos dele (LACAN, 1975-76/2007, p.132). Tais formulações ampliaram as possibilidades de pensarmos a construção da realidade e a estabilização do gozo nas psicoses e nos autismos, pois deu lugar à singularidade das *invenções*.

No texto *A invenção psicótica*, Miller (2003) diferencia *invenção* de descoberta e criação. Não se trata de descobrir algo que já estava lá, nem de criar a partir do nada ou de qualquer coisa, mas inventar algo que não estava lá e a partir de materiais existentes, o que dá à invenção o valor de uma *bricolagem*. Que a invenção se dê somente a partir de materiais

existentes aponta também para seu aspecto singular, uma vez que entendemos esses materiais como significantes e seus efeitos de gozo.

Para introduzir o tema, Miller se orienta por uma passagem de Lacan do texto *O aturdido* (1973/2003), na qual ele afirma que a função dos órgãos do corpo constitui um problema para o *falasser*, e a especificidade do esquizofrênico é a de não contar com o socorro do discurso estabelecido para lidar com esse problema. Esse discurso estabelecido tem a ver com a educação, com soluções típicas, sociais, que orientam o que devemos ou não fazer com as partes de nosso corpo. Uma vez que isso não opera no esquizofrênico, ele precisa dar outra solução para esse problema, a qual terá o estatuto de uma invenção (MILLER, 2003).

Miller (2003) comenta, por exemplo, a circuncisão enquanto reintegração, no corpo, de um órgão fora do corpo. Trata-se de um signo de aliança com o Outro da ordem do discurso estabelecido: “A circuncisão é um rito. Se ela não existisse e alguém chegasse dizendo: ‘cortei meu prepúcio’, isso seria uma invenção, e talvez bem psicótica (ibid., p.8)”. Ele toma, então, a ideia de órgão fora do corpo, disjunto de sua função, para se referir à linguagem. Dado que o órgão *ex-siste*¹³, é preciso encontrar sua função. Enquanto os ditos esquizofrênicos têm que inventar uma solução para o problema da relação com o órgão e o corpo, por não terem o socorro dos discursos estabelecidos, os paranoicos lidam com o problema da relação com o Outro, suas invenções incidem no laço social.

Do trauma de lalíngua o sujeito terá que inventar um sentido, que será um delírio da ordem do discurso estabelecido, ou um delírio verdadeiramente inventado. Isso denuncia que o Outro não existe, no sentido de que é uma invenção (MILLER, 2003).

Miller (2003), por outro lado, chama atenção para a importância de darmos lugar à não-invenção, aos casos em que “vemos a presença do traumatismo da linguagem e o sujeito bloqueado por esse traumatismo, não chegando absolutamente a inventar a partir daí” (ibid., p. 14). Há também, na estrutura psicótica, a tipicidade, um campo que não é o da invenção, mas da estereotipia. Trata-se do desencadeamento “clássico”, bem trabalhado por Lacan (1958), decorrente do encontro com Um-pai¹⁴, na relação dual, imaginária.

Nos autismos, como veremos no próximo capítulo, grande parte das invenções partem do uso de objetos, que podem se complexificar e se especializar. Assim como o delírio psicótico e a variedade de invenções presentes na clínica das psicoses, esses objetos podem ter função de estabilizar o gozo, de dar alguma consistência ao corpo e até de permitir uma

¹³ Termo usado por Lacan para se referir a uma posição de estar fora permanecendo ligado.

¹⁴ O termo em francês *Un-père* permitiu que Lacan fizesse analogia a *Impair*, que significa impar.

abertura ao laço. Mas, aqui, uma nova pergunta deve ser levantada: as invenções dos autistas podem ter o estatuto de um *sinthoma*? Isto é, elas podem servir como um quarto elo e enodar os registros do real, simbólico e imaginário?

Maleval (2003) afirma que mesmo as invenções mais sofisticadas dos autistas, até aquelas que modificam os registros do imaginário, simbólico e real, ou seja, que afirmam a imagem do corpo, que dão uma ordenação ao simbólico e temperam o gozo, o enodamento não é barromeano. As falhas subsistem:

os fenômenos de transitivismo não se apagam completamente, (...) a imagem do corpo permanece sem brilho fálico, o simbólico é composto por signos que não possuem a flexibilidade dos significantes; os limites do gozo Outro permanecem frágeis, por vezes ainda temporariamente excessivo¹⁵ (MALEVAL, 2003, p.217, tradução nossa).

As invenções particulares dos autistas permitem muitas vezes que eles localizem o gozo invasivo, construam uma imagem corporal e sirvam-se da linguagem de maneira específica para se comunicarem. No próximo capítulo buscaremos, mais uma vez, ultrapassar uma leitura que se oriente pela falha e demonstrar que os autistas apresentam uma outra forma, específica, de tratar o gozo e construir a alteridade.

¹⁵ Les phénomènes de transitivisme ne se sont pas totalement effacés (...); l'image du corps reste sans brillance phallique; le symbolique est composé de signes qui n'ont pas la souplesse du signifiant; les bornes de la jouissance Autre restent fragiles, parfois encore temporairement débordées.

3 A ALTERIDADE NOS AUTISMOS

No primeiro capítulo, vimos que o Outro não está dado de saída e, portanto, foi necessário distingui-lo do humano próximo (*Nebenmensch*). A varredura de gozo que marca a passagem do próximo ao Outro depende do ciframento desse gozo pelo significante e pode não ocorrer. Vimos, também, que com a introdução do conceito de lalíngua no ensino lacaniano, o Outro deixa de ser condição para que o significante cause gozo no corpo. As invenções de sujeitos psicóticos e autistas demonstram, então, que há maneiras, singulares, de tratar o gozo e construir a alteridade. A partir disso, questionamos se o estatuto da alteridade nas psicoses é o mesmo que nos autismos. Encontramos diferenças entre os dois tipos clínicos, principalmente no que diz respeito à relação com o mundo externo, com o objeto voz e uso da linguagem e ao retorno do gozo. Seguindo a tese de J.-C. Maleval de que os autistas recusam-se a situar a própria voz no campo do Outro e que há um primado do signo em relação ao significante, propomos que, mesmo nos autistas chamados de alto desempenho, a alteridade concernente a esses sujeitos não é a do Outro simbólico, campo onde os significantes se articulam.

Consideramos importante reforçar que a leitura do termo Outro deve ser feita com cuidado conceitual, por não se referir a uma pessoa ou mesmo a um conjunto de pequenos outros. Dizer que o Outro não está constituído para os autistas não significa dizer que para esses sujeitos as pessoas ao redor deles não existam. Pelo contrário, ao recusarem-se a ceder a voz, ou ao taparem os ouvidos, por exemplo, eles atestam a presença daqueles que os cercam e protegem-se deles. Contamos aqui com a contribuição de Lacan em *Alocução sobre as psicoses da criança*, quando ele afirma que a criança que tapa os ouvidos para algo que está sendo falado, protege-se do verbo, contrariando a tese de que estas crianças estariam em um nível pré-verbal (LACAN, 1967a/2003). Vimos no capítulo anterior que há nos autistas a recusa em ceder o objeto de seu gozo vocal, o que resulta na dissociação entre voz e linguagem. Com isso, podemos entender essa passagem de Lacan acrescentando que esses sujeitos protegem-se da emergência do objeto voz, cujo gozo não foi negativizado pelo significante. Trata-se, muitas vezes, de uma presença insuportável, da iminência de gozo do próximo, e nos cabe acompanhar as invenções com as quais eles se protegem de tal presença e tratam esse gozo.

O presente capítulo tem como objetivo explorar três diferentes figuras de alteridade que os autistas parecem fundar e pelas quais eles conseguem localizar um gozo fora do corpo, ter alguma saída do isolamento e fazer uso da linguagem: o *objeto autístico*, o *duplo* e o *Outro de síntese*. Ainda que, seguindo o trajeto que vai do objeto ao Outro de síntese, as funções

deles se complexifiquem, consideramos que eles não devem ser tomados como etapas de desenvolvimento e nem de maneira isolada – por exemplo, os objetos autísticos frequentemente participam da constituição do duplo. Objeto e duplo são os dois elementos que mais se manifestam na clínica com autistas; grande parte dos autistas não chegará a construir seu Outro de síntese e, ainda assim, conseguirá dar tratamento ao gozo invasivo do próximo.

3.1 Objeto autístico

Temple Grandin (1986/2014) relata que, desde a segunda série, pensava em uma máquina que pudesse exercer pressão sobre o corpo dela, de maneira intensa e prazerosa. O mais interessante para Grandin era que essa máquina estivesse o tempo todo à sua disposição e a intensidade da pressão pudesse ser controlada por ela. A máquina era aos poucos construída e aperfeiçoada em sua mente. Em uma visita a um parque de diversões, conheceu e experimentou o brinquedo chamado Rotor, um imenso cilindro que girava em alta velocidade e, por sua força centrífuga, mantinha as costas das pessoas presas à parede e então retirava seu piso. Grandin diz ter se sentido confortável e relaxada e, por isso, ficou obcecada pelo brinquedo e queria ter um desses na escola, o que logicamente não foi possível. Finalmente, inspirada no aparelho de brete para gado da fazenda de sua tia, Grandin construiu sua máquina de pressão.

Na clínica com os autistas, é muito frequente observar a associação deles a objetos, que vão desde um pedaço de fio, uma roda de carrinho ou um garfo, até a construção de máquinas complexas, como a máquina de Temple Grandin.

Frances Tustin foi a primeira a conceituar os objetos autísticos, mas ainda que reconhecesse nesses objetos a função de proteção, atribuiu a eles um caráter patológico. A psicanalista considerava esses objetos precursores dos objetos transicionais de Winnicott, com as diferenças dos primeiros não terem substitutos, funcionarem como uma proteção contra a perda, de se fundirem ao corpo da criança e, em vez de servirem como substitutos apenas temporários da mãe, o fazerem de forma plena, o que torna os cuidados maternos sem efeitos para esses sujeitos (MONTEIRO, 2015). Tustin (1990/1992) refere-se ao uso que as crianças ditas normais fazem de substitutos da mãe (tais como chupeta ou o próprio dedo) que amamenta quando sentem falta desta. São substitutos temporários que permitem que o bebê espere até que a mãe chegue para amamentá-lo. Os objetos autísticos, diferentemente, funcionam colados ao corpo e ocupam o lugar do seio materno e bloqueiam a capacidade de discernir (“*block out awareness*”) os cuidados maternos (TUSTIN, 1990/1992). Ainda que os

diferenciasse, Tustin (1990/1992) admitia que em alguns casos objeto transicional e objeto autístico se fundiam.

Temple Grandin (1986/2014) comenta que tinha medo de que o brete tomasse conta dela e a impedisse de sobreviver sem ele, mas logo conseguiu tomá-lo como “apenas um aparelho de imobilização feito de restos de compensado” (ibid., p.97) e por isso podia ter acesso aos pensamentos e sentimentos que tinha no brete também fora dele. Ela nega a hipótese de que sua máquina tenha servido como substituta para os abraços da mãe. Pelo contrário, ela afirma que o brete permitiu que ela se aproximasse mais da mãe e de outras pessoas:

Quando entrava no brete, sentia-me mais próxima de pessoas como a minha mãe, o sr. Peters, o sr. Brooks, o sr. Carlock e a tia Ann. Embora fosse apenas um aparelho mecânico, o brete derrubou minha barreira de defensividade tátil, e eu podia sentir o afeto e a preocupação dessas pessoas, conseguindo exprimir meus sentimentos por mim mesma e pelos outros. (GRANDIN, 1986/2014, p.97)

Contrariando o posicionamento de Frances Tustin, bem como o de educadores e de grande parte dos psicólogos que se ancoram em uma abordagem normativa do desenvolvimento, Maleval (2009a) não toma esses objetos como patológicos ou nocivos. O psicanalista considera o que dizem os autistas sobre esses objetos: Birger Sellin diz que encontra segurança neles, Temple Grandin que se interessa mais por eles do que pelas pessoas e, ainda, Donna Williams explica que tomava as pessoas que amava como objetos que a protegiam das outras pessoas de quem não gostava e que se comunicar via objetos era sem perigo: “Para mim, as pessoas que eu amava eram os objetos, e esses objetos (ou as coisas que eles evocavam) eram a minha proteção contra as coisas que eu não amava, isto é, outras pessoas” (WILLIAMS, 1992/2012).

Maleval (2009a) destaca também a sugestão de Grandin aos educadores, para que eles, em vez de tentar eliminar os objetos e as estereotípias, busquem transformá-los em uma fonte de motivação para novas aprendizagens, pois, a exemplo de sua própria experiência, essas fixações podem se tornar carreiras profissionais. Mais adiante, quando abordarmos o Outro de síntese veremos que, em muitos casos, os objetos autísticos participam das chamadas *ilhas de competência* (MALEVAL, 2009b) e ofereceram a sujeitos autistas a possibilidade de construir carreiras e alcançarem independência financeira.

Maleval (2009a) também discorda da posição de Tustin em relação à máquina de Temple Grandin: segundo ele, a psicanalista inglesa não considerava a máquina de Temple somente um objeto autístico, mas também um objeto transicional. O psicanalista se opõe a considerar os dois possam se fundir, pois os considera radicalmente diferentes. A principal discrepância entre os dois tipos de objetos se refere ao regime de gozo e pode ser

compreendida pela comparação entre o *Fort-Da* e as condutas *on-off*. Enquanto o carretel é um objeto transicional por se apresentar como tratamento de uma perda, de uma falta já instaurada e articula dois significantes, a atividade das crianças autistas em relação aos objetos *on-off* revela uma tentativa de fazer advir uma perda controlada de um objeto demasiadamente presente e de inscrever o princípio de descontinuidade da linguagem humana. Não há um segundo significante para qual se representa a coisa ausente designada pelo primeiro, e que traz satisfação ao fazê-la reaparecer ao mesmo tempo que a mata. Há um signo da presença e um signo de afastamento, que ainda porta a coisa designada em vez de renunciá-la, de assumir sua perda. Segundo Maleval (2009a), “Os comportamentos *on-off* e o *Fort-Da* parecem duas maneiras para tratar a negatividade da linguagem e a dor da perda de objeto; mas uma trabalha com o signo e outra com o significante” (ibid., p.233).

Maleval (1997; 2003) primeiramente dividiu os objetos autísticos em quatro categorias: objeto bruto, objeto não-regulado, objeto regulado e objeto regulador. Estes não se colocam em uma linha de desenvolvimento, mas se diferenciam por suas funções. Os chamados objetos brutos, que são duros e dinâmicos (como peão, roda), são capazes de atenuar o real e articulá-lo ao imaginário, pois localizam uma parte do gozo. Parecem contribuir também para a construção da imagem do corpo, por conferirem um caráter de “dureza” a ele. Os objetos não-regulados têm relação com o duplo e a linguagem, no sentido de que ela funciona em unidades discretas, e contribuem para o ordenamento do mundo. Têm relação com as condutas *on-off*, tão frequentemente testemunhadas na clínica com autistas. Já os objetos regulados têm relação com o Outro de síntese e a apreensão de um saber “já lá”. São os calendários, catálogos, horários de trens, etc. Por último, os objetos reguladores, cujo grande exemplo é a máquina do abraço de Temple Grandin, têm como principal característica a independência que o sujeito pode vir a adquirir desses objetos, podendo chegar a prescindir deles (MALEVAL, 2003).

Posteriormente, Maleval (2009a) reunirá esses objetos em apenas duas categorias: *objetos simples* e *objetos complexos*. A maioria dos objetos simples são duros e dinâmicos, a fim de tratar a *imagem do corpo* e a *animação pulsional*. Na experiência com o Rotor, por exemplo, Temple Grandin descreve que seus sentidos estavam tão sobrecarregados de estímulos que ela não reagia mais com ansiedade ou medo, sentia conforto e relaxamento. No entanto, tão logo os autistas se desligam dele, perdem a vitalidade que esse objeto lhe confere, muitas vezes funcionando como seu duplo. Os objetos simples funcionam como uma borda protetora, que muitas vezes faz barreira ao campo social. Já os objetos complexos têm como

principal função o enquadramento do gozo em uma borda fora do corpo, e permite que o autista se conecte ao campo social quando se articulam ao Outro de síntese:

Um objeto autístico simples, como mostrou Tustin, proporciona, primeiro, um gozo autossensual que faz barreira ao mundo externo, mas é, também, um duplo “vivo”, portador de um retorno de gozo sobre a borda; caso se articule ao Outro de síntese e participe de uma pequena ilha de competência, se torna um objeto autístico complexo cujas ramificações conseguem, por vezes, estender-se até o campo social. O objeto autístico simples permanece grudado no sujeito, está a serviço de uma autossensualidade que o isola; enquanto que o objeto autístico complexo afasta o gozo do corpo do sujeito para localizá-lo em uma borda, que não é mais somente barreira ao Outro, mas também conexão à realidade social. (MALEVAL, 2009, p. 235)

Os conceitos de duplo e de Outro de síntese, construções que não se dão sem o recurso aos objetos autísticos, serão retomados mais adiante.

Como vimos no capítulo anterior, Éric Laurent foi quem levantou a hipótese do retorno do gozo sobre uma borda no autismo. Ele detecta a presença opaca do gozo no que virá a chamar de *neoborda*, um lugar de pura presença, diferente de uma borda que delimita um furo, lugar de trocas e contatos. O espaço autístico, por outro lado, é sem furo, já que esses sujeitos estão imersos no real, onde nada falta. E, se não há furo, a pergunta que se levanta é como deslocar essa neoborda, para que se crie um espaço de trocas. O uso de objetos é imprescindível para que algo possa ser extraído e a neoborda deslocada. Essa extração se dá mediante um acontecimento de corpo, no qual o sujeito consegue ceder uma carga de gozo sem que isso seja insuportável demais para ele (LAURENT, 2014).

Laurent (2014) faz uma divisão entre os *objetos sem forma* e a *em-fôrma do objeto a*. Em relação à máquina do abraço de Tempo Grandin, afirma que esta confere forma ao objeto olhar “enlouquecido” – destacado por ela nela própria e no gado que ela observa – e se articula ao corpo. Há uma captura do objeto *a* pela forma do objeto *e*, então, pelo corpo. Para comparar esse caso de *em-fôrma do objeto a* com o de um *objeto sem forma*, Laurent (2014) recorre à prática, já observada em alguns autistas, de extrair as próprias fezes por meio da introdução da mão no ânus. Trata-se, nesse segundo caso, de um objeto de gozo sem forma, diferente o objeto que faz suplência à ausência de limites do corpo e o protege da angústia de uma intrusão, como é o caso da máquina de Grandin. Nesse segundo caso, trata-se de um objeto como vestígio do vivo que precisa ser extraído, “alteridade radical que precisa ser abolida” (LAURENT, 2014, p.88). Em vez de funcionarem como objeto anal cedido no circuito da demanda, a extração bruta das fezes não as separa do corpo mantendo uma articulação a ele; são extraídas como repetição de um objeto sem forma, rejeitado radicalmente. O real sem o furo que funde o dentro e o fora, não permite que o objeto seja êxtimo (LAURENT, 2014).

Outro exemplo utilizado por Laurent (2014) refere-se ao objeto voz e à surpreendente reação que uma criança autista tem, por exemplo, ao visualizar um avião voando, caso o avião seja um objeto incluído em seu mundo. Apesar de não conseguir ouvir o barulho do avião, ela tapa os ouvidos, protegendo-se do rumor da língua: independente da distância que separa o sujeito do objeto, ele o tem ao seu lado. Com esse exemplo, Laurent (2014) difere o mecanismo alucinatorio do autismo daquele que vimos ser o das psicoses: “A dimensão alucinatoria não é a do retorno de um significante no real. É, antes, a impossível separação em relação ao ruído da língua como real insuportável” (ibid., p.91).

O objeto autístico, segundo Laurent (2014), constitui um resto deixado pelo encontro traumático com a língua que vem perturbar o corpo. Ele tem efeitos de inclusão quando os sujeitos conseguem extraí-los de perto do corpo e separar-se deles. O autor define ainda o objeto como “essa cadeia heterogênea, feita de coisas descontínuas (letras, pedaços de corpo, objetos tirados do mundo...), organizada como um circuito, munida de uma topologia de borda e articulada ao corpo” (ibid., p.89).

Vimos que até os objetos simples têm função de localizar um gozo e auxiliar na construção da imagem corporal. No entanto, veremos a seguir que os processos de tratamento do gozo pelo objeto e pela linguagem podem se unir mais intimamente e se complexificar, quando se articulam ao duplo.

3.2 O duplo

Tustin já havia anunciado que os objetos serviam de duplo para o sujeito (MALEVAL, 2009a). No entanto, são múltiplas as formas clínicas do duplo autístico: pode ser um objeto, um animal, uma outra pessoa, ou a própria imagem no espelho. Segundo testemunhos de autistas ditos de alto desempenho, há também a criação de personagens que possuem função de duplo, como foram Willie e Carol para Donna Williams, ou Alfred Costello e Bischan para Temple Grandin. Como observa Maleval (2003), “nada é mais característico do autista do que sua capacidade de se conectar a um duplo para se abrir ao mundo”¹⁶ (MALEVAL, 2003, p.204, tradução nossa). Veremos por que o recurso ao duplo pode oferecer proteção contra a iminência de gozo do próximo, e permitir que esses sujeitos adquiram um saber sem que precisem entrar em uma dialética de troca, angustiante por incitar a dimensão da falta (MALEVAL, 2003).

¹⁶ “Rien n’est plus caractéristique de l’autiste que sa capacité à se brancher sur un double pour s’ouvrir au monde.”

Em sua luta para que houvesse um brinquedo como o Rotor na escola, Temple Grandin utilizou-se de um personagem criado por ela na infância, Alfred Costello, “o sombra”. Ao escrever em nome do personagem, Grandin pôde elaborar diversas cartas em que ele solicitava a instalação do brinquedo, alegando que só assim sua representante, Temple Grandin, poderia salvar a escola e seus alunos de uma ameaça de desaparecimento. Por meio desse personagem, ela se protegia da posição de enunciação, tão mortífera aos autistas, ao mesmo tempo em que fazia sua reivindicação. Trata-se, segundo Maleval (2009b), de uma maneira de falar ausentando-se, uma forma de se expressar “por procuração” (ibid., p.115), o que protege o sujeito do desejo do Outro. No entanto, o duplo não é capaz de enodar linguagem e gozo, de forma que o sujeito não tem a sensação de se conectar a seu sentimento; há uma mutilação psíquica que faz com que o duplo não esteja integrado ao eu (MALEVAL, 2009b).

No livro *Nascimento do Outro* (1980/1990), Rosine Lefort relata dois casos atendidos por ela no instituto Parent de Rosan: Nadia e Marie-Françoise. A comparação entre os dois casos – o primeiro uma neurose, o segundo de uma menina autista – teve como efeito uma importante contribuição sobre a diferença entre o estádio do espelho na estruturação da neurose e a construção do duplo nos autismos. Observando os primeiros contatos de ambas, especialmente no que se refere ao corpo da analista, Lefort (1980/1990) levanta a hipótese que marcou sua abordagem dos autismos – a inexistência do Outro, bem como do pequeno outro:

Se nos referendarmos em Nadia, tenho que me espantar, como disse, com a violência de Marie-Françoise em seu contato de corpo comigo. Com efeito, para Marie-Françoise, não é a exploração do furo de minha boca – de meu corpo furado – que está em causa, tanto quanto ela não é interpelada pela presença de um pequeno outro, como Nadia era. O que caracteriza a relação de objeto de Marie-Françoise, é que não existe Outro – e muito menos pequeno outro –, e que para ela eu sou um objeto dentre outros. Isso não quer dizer que eu não seja, de uma certa maneira, privilegiada. (LEFORT & LEFORT, 1980/1990, p.194)

Enquanto Nadia estava às voltas com o furo no corpo da analista, com o vazio no lugar do Outro, Marie-Françoise age com extrema agressividade, na tentativa de produzir um furo no real que se apresenta a ela. A imagem no espelho, que para Nadia presentifica ao mesmo tempo o Outro e o outro, “A + a”, é solenemente ignorada por Marie-Françoise, afastada de qualquer identificação possível. Em vez de imagem, os outros são objetos reais para ela, dentre os quais Rosine se coloca como um objeto privilegiado. Marie-Françoise só pode encontrar no espelho o duplo, que é também todo, sem perda, mas também sem unidade, como ela (LEFORT & LEFORT, 1980/1990).

Na descrição detalhada que Rosine Lefort faz do tratamento de Marie-Françoise, acompanhamos o uso que a menina faz de seu duplo, um boneco marinheiro, objeto real que a

protege da dimensão de perda. Após tirar os óculos da analista, bater neles e abandoná-los, ela pega o boneco marinheiro e gruda-o em seus olhos:

(...) é como se ela tivesse percebido, por um curto instante, que ela me fez perder qualquer coisa pelos meus óculos, perda que vale também para ela e da qual ela me imputaria a responsabilidade, ao mesmo tempo em que ela a recusaria radicalmente, colmatando-a com o marinheiro sobre seu olho (LEFORT & LEFORT, 1980/1990, p.245).

Em outra cena, Marie-Françoise aperta o boneco não mais contra seu olho, mas contra sua fralda e o posiciona de forma que ele esteja perto também de sua boca, de maneira que ela possa obturar dois orifícios. Ela responde dessa maneira quando se depara com o corpo não-furado da analista e então volta-se para seu corpo tentando tapar seus orifícios. O duplo real apresentado pelo casal Lefort, no caso do boneco-marinheiro, possui essencialmente a função de preencher buracos.

Com Laurent (2014), podemos pensar esses buracos do corpo do sujeito autista como furos sem borda, um vazio que aparece como abismo no relato de alguns autistas. O duplo funcionaria como uma borda para um corpo sem borda. Segundo o psicanalista, a ausência de borda do furo é “o redobramento da inexistência do próprio corpo, pois um corpo só existe se um objeto pode se separar dele” (ibid., p.100).

No livro *La distinction de l'autisme* (2003), Rosine e Robert Lefort retomam o caso de Marie-Françoise e acrescentam algumas observações sobre o duplo, considerado-o um “componente fundamental e estrutural do autismo” (ibid., p. 27). Aplicando o esquema óptico ao caso dos autismos, concluem que o espelho plano do lugar do Outro não se interpõe entre $i(a)$ e $i'(a)$, real e imaginário, mas entre dois $i(a)$, duas imagens reais. A divisão do sujeito autista ocorre no real do duplo (LEFORT & LEFORT, 2003).

A experiência do duplo como alteridade radical é descrita por Freud no texto *O estranho* (1919/2006), em alemão, *das Unheimliche*. Freud explica que a palavra *Heimlich* tem significando ambíguo: refere-se à casa, ao familiar, íntimo, não-estranho, mas também àquilo que “está oculto e se mantém fora de vista” (FREUD, 1919/2006, p.243). *Unheimlich* costuma ser usado como antônimo do primeiro significado (isto é, estranho e não-familiar), mas Freud (1919/2006) destaca um outro sentido do termo, que seria “tudo aquilo que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz” (ibid., p.243), que será lido por Lacan (1962-63/2005) da seguinte forma: “a definição do *unheimlich* é ser *heimlich*” (ibid., p.57). No mesmo texto, Freud narra um episódio que ocorreu com ele, em que sua própria imagem lhe apareceu como um duplo, um estranho. Ele estava sentado sozinho no trem e a porta do toalete que ficava entre sua cabine e a do lado se abriu e fez parecer que um senhor de idade

havia entrado em sua cabine. Seu espanto foi perceber que aquele velho com quem antipatizou não era outra coisa que o seu reflexo no espelho da porta (FREUD, 1919/2006).

Lacan (1962-63/2005) retoma o texto de Freud e articula a questão do estranho-familiar ao esquema óptico. Na neurose, a angústia do surgimento do duplo se dá quando um objeto *a* surge preenchendo o lugar vazio da castração (-φ), lugar que ele chama de nosso *Heim*, a casa do homem: “O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro para além da imagem de que somos feitos” (LACAN, 1962-63/2005: 58). A angústia surge pelo tamponamento da falta pelo objeto *a*, ou seja, quando falta a falta:

Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? (...) A possibilidade de ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta (...) (LACAN, 1962-63/2005, p.64).

Nessa experiência de estranhamento, muito fugidia na neurose, não se trata da imagem especular, mas de sua passagem ao duplo que surge como estranheza radical, sinal da “entrada do *a* no mundo real, onde ele só faz retornar.” (LACAN, 1962-63/2005, p.112). Se na neurose a falta do Outro (-φ) deve estar descoberta para que se forme a imagem especular, no autismo essa falta não se instaurou e, portanto, não há especularidade possível. O que os autistas encontram em cada outro é um duplo real:

(...) nem especularidade nem divisão do sujeito, mas um duplo que o autista encontra em cada outro, seu semelhante, cujo perigo mais agudo é a iminência de seu gozo e a necessidade de matar nele essa parte que a linguagem não eliminou, para que se funde uma relação com o Outro como terraplenagem higienizada de gozo. (LEFORT & LEFORT, 2003, p.182)

Maleval (2009b) sublinha que a relação ambivalente do autista com seu duplo se deve à função do duplo de mascarar e encerrar o objeto *a*, não negativizado pela função fálica. Ao mesmo tempo em que é atrativo, o duplo permanece ligado à pulsão de morte. Para exemplificar, cita o caso de Donna Williams (*apud* MALEVAL, 2009b), que se diz angustiada e em pânico pela energia sem limites de seus companheiros imaginários. No entanto, é importante apontarmos a diferença que há entre o duplo nas psicoses e o duplo dos autistas: enquanto o primeiro mantém com o duplo uma relação de rivalidade, agressividade e perseguição, os autistas servem-se do duplo, que tem para eles função de proteção e de apoio para se conectarem ao mundo (MALEVAL, 2015):

(...) o duplo do psicótico é vivido como um objeto autônomo e mal-intencionado, sobre o qual a vontade do sujeito é impotente para se exercer, salvo para destruí-lo. Este não é o caso do duplo do autista, que é apaziguador quando pode ser dominado ou quando é admitido entre os objetos familiares. (MALEVAL, 2015, p.31)

Rosine e Robert Lefort, como nota Maleval (2009b), não deram tanta importância ao objeto senão por sua função de duplo. Para este psicanalista, reduzir os objetos à simples encarnação do duplo como tapa-buracos, não contempla a possibilidade do duplo ser, em vez de o objeto em si, o suporte dos objetos complexos. É isso que muitas vezes permite um enquadramento do objeto de gozo no autismo, que tem como efeito uma dinâmica vital (MALEVAL, 2009b). Portanto, o casal Lefort considerou apenas os objetos simples – que fazem barreira ao gozo do próximo e está colado no sujeito –, e não os complexos, capazes de funcionar como uma borda que localiza o gozo fora do corpo e pode conectá-los ao mundo externo.

Donna Williams nos ensina muito sobre a figura do duplo nos autismos. Em seu primeiro testemunho, *Meu mundo misterioso* (“*Nobody, Nowhere*”), narra o aparecimento de duas personagens que a acompanharam por muitos anos: Willie e Carol (WILLIAMS, 1992/2012). Para Maleval (2003), através delas, Donna pôde localizar o gozo escópico, construir sua imagem corporal e, ainda, essas personagens eram portadoras de um saber “já lá”, pois tinham estreita relação com os ideais maternos.

Ninguém devia relacionar-se com Donna, mas unicamente com os dois personagens que eu decidi alimentar: Willie, que encarnava todo o meu furor e minha combatividade, e Carol, esta casca vazia de emoções que simbolizava minha sociabilidade e minha aptidão para representar diferentes papéis. Não seria possível que desconhecidos pudessem ter acesso àquilo que eu protegera dos olhares indiscretos durante tão longo tempo (WILLIAMS, 1992/2012, p.108).

As figuras do duplo apresentadas no testemunho de Donna Williams foram descritas como “amigos os quais não pertenciam ao mundo físico, os quais eu tinha acolhido no meu” (: 36). Willie surge antes de Donna fazer 2 anos e, a princípio, como um par de olhos verdes escondidos embaixo de sua cama. Não trazia a ela tranquilidade, mas protegia seu corpo de intrusos. Donna passa a dormir embaixo da cama de forma a tornar-se Willie, e, em suas palavras: “Eu já tinha, então, três anos. Willie tornou-se minha encarnação exterior, meu encarregado dos negócios estrangeiros” (WILLIAMS, 1992/2012, p.39).

Foi a encarnação de Willie, mesmo com toda sua hostilidade, que permitiu que Donna se abrisse ao mundo exterior. Agressiva tal como sua mãe, o nome da personagem derivava de seu nome de família. Assim, a mãe de Donna a via como uma encarnação defeituosa de sua irmã mais velha, a primeira filha entre nove crianças, que recebia todos os privilégios que os irmãos não recebiam (WILLIAMS, 1992/2012).

Carol surge depois, de um encontro com uma menina cuja alegria e vivacidade encantaram a Donna. Ela questionava-se sobre a realidade desse encontro e existência de Carol, mas diz ter sido essa estranha a pessoa que mudou sua vida: “Ela foi a ‘jovem no

espelho' esperando que, por minha vez, eu me tornasse Carol" (WILLIAMS, 1992/2012, p.49). Enquanto Willie tinha os olhos verdes que luziam na obscuridade e causavam medo, "olhos flamejantes de hiena" (: 39), Carol tinha brilho no olhar que Donna não tinha: "Carol era exatamente igual a mim. Apenas o brilho de seu olhar traía sua identidade" (WILLIAMS, 1992/2012, p.50). A localização do objeto olhar nas figuras de Willie e Carol nos dá um exemplo claro da função do duplo no tratamento do gozo.

Segundo Maleval (2003), o duplo tem uma função protetora e também contribui na estruturação da imagem corporal, mas suas características principais são a capacidade de enquadramento do gozo que permite a animação libidinal e sua aptidão para se articular ao Outro de suplência – ou Outro de síntese, como chamará posteriormente. Ainda sobre as figuras do duplo de Donna Williams, ela afirma:

Eu podia dizer o que pensava protegida por Carol ou por Willie, mas nunca o que sentia. Meu único recurso era demonstrar uma fria objetividade para todos os assuntos que pudessem suscitar em mim qualquer emoção. Todo mundo procede assim a fim de mascarar seus sentimentos. Mas eu não me engajava nem me comprometia senão com relação às coisas, jamais às pessoas. (WILLIAMS, 1992/2012, p.102)

No caso de Donna Williams, Willie e Carol além de localizarem o gozo escópico, articularam-se ao Outro de síntese, permitindo que Donna fizesse um uso particular da linguagem.

3.3 Outro de síntese

Por fim, temos o que parece ser a forma mais elaborada de defesa autística: a construção do que Maleval chamou de *Outro de suplência* (2003) e, posteriormente, *Outro de síntese* (2009). Com o apoio encontrado no duplo, capaz de tratar a animação libidinal, os autistas podem se engajar no tratamento do caos do mundo externo, pela construção do Outro de síntese (MALEVAL, 2009b). Trata-se de um Outro constituído não por significantes, mas por signos, que permitem tratar a linguagem como um objeto manejável. Como vimos no capítulo anterior, o signo é caracterizado por uma conexão rígida entre a palavra e o referente e por serem, portanto, elementos que não efetuam a morte da coisa.

Quando Lacan recusa a tese de que as crianças que tapam os ouvidos para o que está sendo falado estejam no nível pré-verbal, ele questiona ainda se elas não estariam no nível "pós-verbal" (LACAN, 1967a/2003: 365), visto que se protegem do verbo. Maleval (2012) justifica essa hipótese fazendo uma leitura das operações de alienação e separação como dois tempos de extração de gozo. O primeiro, oriundo do trauma da língua, recorta o corpo e produz os objetos pulsionais. O encontro com a linguagem é traumático a todos aqueles que

nascerem mergulhados no banho verbal e por isso é impossível localizarmos os autistas fora da linguagem. No caso desses sujeitos, os objetos pulsionais recortados permanecem reais e não se integram ao circuito da pulsão. O segundo tempo, separação, não funcionaria nos autismos, tal como nas psicoses, e seria aquela que produz a extração dos objetos *a*, conectando-os ao falo e instaurando-os como mais-de-gozar (MALEVAL, 2012).

No entanto, ainda que o banho verbal afete o corpo dos autistas, a conversão do real em significantes não ocorre e a negatividade da linguagem afeta os sujeitos autistas de forma específica, produzindo a “angústia do ‘buraco negro’, aberto pela hiância entre a coisa e sua representação” (MALEVAL, 2012, p.49). Donna Williams refere-se, por exemplo, à existência de um buraco entre ela e o mundo (MALEVAL, 2012). A posição do psicanalista é de que os autistas estão em uma alienação parcial, pois ao mesmo tempo em que estão nela, recusam-na. Não pretendemos contemplar essa discussão sobre alienação e separação no presente trabalho por acreditarmos que ela não contempla os autismos senão pela via deficitária, mas concordamos que os autistas são afetados pelo trauma da língua, que o verbo é excessivo para eles e que de forma alguma estão aquém do verbo ou exilados da linguagem.

A partir disso, Maleval (2012) apresentará diversas e complexas maneiras pelas quais os autistas lidam com a linguagem. São formas originais, que vão do mutismo ao domínio da língua, passando pela verbiagem. O que há de constante nessas manifestações, como vimos no capítulo anterior, é o funcionamento pulsional, principalmente a não cessão do objeto voz.

As primeiras saídas do mutismo se dão geralmente pela *língua verbosa*, a partir de frases, palavras ou músicas, muitas vezes falas ecológicas. O significado daquilo que emitem costuma ser opaco para as outras pessoas, mas a experiência prova que elas não devem ser tomadas levianamente, já que houve uma escolha do sujeito em dizer aquelas palavras e não outras, além de se repetirem quando determinadas situações se repetem. Maleval (2012) cita como exemplo o relato do pai de uma menina autista, a qual tinha o hábito de cantar *Alouette* enquanto penteavam seus cabelos depois do banho. Anos depois, eles descobriram que *Alouette* equivalia a *all wet* (tudo molhado). Era uma emissão apartada do Outro do significante, um gozo solitário do sonoro, mas que era aplicada em uma situação específica à qual se relacionava.

A verborragia não deve ser confundida com o gozo solitário da voz, pois é da sonoridade apartada do dizer que se trata. Segundo Maleval (2007) a verborragia é um trabalho para separar-se da voz que causa horror aos autistas. Donna Williams comenta que na impossibilidade de manifestar seus sentimentos, recorria à verborragia:

Profundamente enterrada, Donna, ela própria, nunca aprendeu a se manifestar. Tudo o que eu pudesse sentir no presente deveria ser combatido, exceto, expressar-me numa forma de conversação que para os outros era apenas uma tagarelice, uma maneira de falar sem dizer nada, uma divagação, talvez um delírio. Entretanto, este discurso indireto, tão menosprezado, tinha para mim o valor de um poema em prosa (WILLIAMS, 1992/2012, p.102).

Se, por um lado, esses sujeitos gritam e emitem sons estranhos ou murmúrios totalmente desconectados do sentido, por outro, eles são capazes de isolar a fala da musicalidade e entonação, emitindo uma fala muitas vezes robótica e linear, que caracteriza a *língua funcional*. A verborragia e a fala funcional podem estar presentes no mesmo sujeito, no entanto elas não se unem. Quando se unem e o sujeito autista produz uma fala enunciativa, como no caso das *frases espontâneas*, essa fala surge como uma experiência muito aflitiva, vivida com horror, que faz com que eles se fechem em um silêncio ainda mais profundo (MALEVAL, 2012).

Maleval (2010) apresenta uma vinheta clínica de Mira Rothenberg, uma psicóloga que trabalhou nos Estados Unidos com crianças órfãs resgatadas nos campos de concentração europeus e foi uma das primeiras a se engajar no tratamento de crianças autistas e esquizofrênicas. Ela relata que insistiu com um de seus pacientes autistas que ele colocasse mais emoção em sua voz ao falar e também em suas leituras. Certo dia, ele acatou seu pedido e ela mostrou-se muito entusiasmada, comemorando que ele a tivesse atendido, ao que ele respondeu com horror, dizendo “depois tem o cemitério”. A psicóloga interpretou aquilo como se ele quisesse dizer que depois de ter conhecido a vida, era preciso morrer. Depois desse episódio, o menino passou a falar de maneira mais monótona do que nunca e não queria mais encontrá-la, alegando que ela sabia da verdade. Segundo Maleval (2010), Mira Rothenberg parece ter chegado à verdade do autismo, ao localizar a angústia na expressão do vivo. Para ele, essa vinheta demonstra que nada angustia mais o autista do que ceder seu objeto de gozo vocal e alienar-se ao Outro, o que explica também o mutismo, tão comum nos casos de autismo: “Para quem não aceita localizar sua voz no campo do Outro, a palavra pode se tornar impossível” (ibid., p.6).

O curioso fenômeno das *frases espontâneas* muito nos diz sobre a retenção do objeto voz enquanto defesa autística, pois é a única manifestação em que há cessão desse objeto pelo engajamento da voz na fala. São holófrases na maioria das vezes de caráter imperativo, que surgem em situações de angústia extrema e são vividas como uma automutilação, como nota Laurent (2014): “O sujeito as emite como se estivesse perdendo um pedaço de si mesmo, suas fezes, um jato de saliva, um berro, sangue. São emissões do corpo, pedaços de gozo, uma espécie de automutilação” (LAURENT, 2014: 106). Maleval (2012) cita o exemplo de Birger

Sellin, cuja primeira fala dirigiu-se a seu pai – “devolve a minha bola” – e foi seguida de seu retorno ao mutismo.

Uma vez que os autistas relutam em tomar uma posição de enunciação e que, por outro lado, sofrem com as dificuldades que uma fala solitária (como é a língua verbosa) impõe, alguns sujeitos chegam a fazer uso da *língua funcional*, em um esforço para comunicar sem mobilizar o gozo da voz. Maleval (2012) descreve essa fala como um acúmulo de fatos que tem a característica de ser um código informativo, sem expressão de afetos e sem voz enunciativa. Esta forma de se servir da linguagem situa-se na dimensão da fala, não do dizer.

A *língua funcional* depende da construção do Outro de síntese, formado por signos e não por significantes e, por isso, é uma língua que não funciona como aparelho de gozo. A desconexão que os autistas atestam entre a linguagem e a vida emocional mostra que, ao contrário dos significantes, os signos não funcionam como representantes da pulsão. É somente com a condição de guardarem seu aspecto objetal, desconectados da voz e da pulsão, que os signos do Outro de síntese podem ser mobilizados para a expressão dos sentimentos do sujeito (MALEVAL, 2013).

Como vimos no capítulo anterior, os autistas estão submetidos ao primado do signo e seu ideal é a formação de um código onde cada palavra tenha um significado só, fixo. Higashida (2014) declara que letras, símbolos e sinais são seus melhores aliados, pois nunca mudam. “Continuam sempre os mesmos, fixados em minha memória. (...) Não estou sozinho quando estou com as letras” (ibid., p.89). Um exemplo de rigidez do signo é dado por Temple Grandin (2010), que afirma que para ela um homem a cavalo é coisa completamente distinta de um homem a pé. Já Donna Williams explica que tinha dificuldades com regras que requeriam generalizações:

Meu comportamento era um enigma para as pessoas como o delas o era para mim. Não tanto porque eu desprezasse suas regras, mas era-me impossível reter os inumeráveis regulamentos que se aplicavam a cada situação específica. Sabia classificar as coisas e arrumá-las em diferentes categorias, mas eu fazia um esforço louco para compreender certos tipos de generalização (WILLIAMS, 1992/2012, p.130).

Os signos do Outro de síntese podem ser alfabéticos, imaginários, sonoros. Maleval (2009b) diferencia duas modalidades de Outro de síntese. A primeira é do Outro de síntese fechado, que permite que o sujeito se oriente em um mundo de rotinas, limitado e sem surpresas. O funcionamento rígido e limitado é muito evidente nos chamados autistas sábios (MALEVAL, 2009b). Eles se mostram preocupados na busca de um saber totalizante de um domínio restrito, com regras imutáveis, e assim formam uma “ilha de competência” (MALEVAL, 2009b, p.171). Daniel Tammet, por exemplo, ficou conhecido por ter passado

mais de cinco horas recitando os dígitos de *Pi*, alcançando um total de 22.514 dígitos. O inglês Stephen Wiltshire, ao conhecer uma cidade, consegue memorizar e desenhar toda a sua arquitetura com impressionante precisão, e reproduz fielmente as janelas e portas de cada prédio.

Para além do Outro de síntese fechado, a segunda modalidade designada por Maleval (2009b) é a do *Outro de síntese aberto*. Refere-se aos casos em que os autistas conseguem mobilizar os signos de forma a constituir um saber dinâmico e, assim, adaptar-se a situações novas. Enquanto o Outro de síntese fechado é capaz de ordenar um mundo solitário e circunscrito, o Outro de síntese aberto permite que o sujeito demonstre alguma abertura ao laço social, que é o caso dos chamados autistas de alto nível (MALEVAL, 2009b). Tal como no caso de Temple Grandin, o Outro de síntese pode ser portador de um saber ordenado em sequências de S_2 , que constituirá sua realidade:

Desde que o sentido dos enunciados seja acessado numa espécie de catálogo previamente construído, Temple permanece amparada por seu Outro. No entanto, a ironia, as alusões, as metáforas, os chistes, restavam-lhe incompreensíveis. Sua predileção pela língua tecnológica é justificada pela maior precisão, objetividade e seu caráter explícito, ou seja, uma linguagem cuja variável subjetiva não se introduz na sua função denotativa. (BARROSO, 2012)

Segundo Maleval (2003), quando se constroi um Outro de síntese, a presença do duplo torna-se menos impregnante e o uso dos objetos autísticos simples e complexos, menos necessário (MALEVAL, 2003). No entanto, é importante notar que os objetos, o duplo e o Outro de síntese não são etapas superáveis do desenvolvimento. A interdependência que há entre eles não nos permite separá-los claramente: o objeto funciona como duplo, se associa a uma ilha de competência e o Outro de síntese nasce de uma ecolalia tardia das palavras do duplo (MALEVAL, 2009b). Ainda, devemos lembrar que o Outro de síntese permite que a linguagem seja tratada como um objeto privilegiado.

Laurent (2014) cita o caso de uma criança atendida em Antenne 110, instituição belga fundada pelo psicanalista Antonio Di Ciaccia. A partir de um objeto eleito por essa criança – um pedaço de pau –, a equipe buscou complexificar o uso que ela fazia dele e, no encontro do objeto com o sino da igreja vizinha, novos deslizamentos foram possíveis. A criança demonstrou fascínio pelo som grave do sino, depois buscou saber a que horas ele soava, em seguida interessou-se pelas agulhas dos relógios. A partir disso, veio o interesse por números e essa criança pôde se implicar nas aulas de aritmética da escola. Eis um exemplo de como, a partir do interesse singular por um objeto, o sujeito pode chegar a construir seu Outro de síntese.

3.4 Sobre alteridade e clínica psicanalítica com autistas

Sabemos que o dispositivo analítico clássico não se aplica ao tratamento dos sujeitos autistas. Avisados da dimensão de trauma e devastação que a fala possui para esses sujeitos (MONTEIRO, 2015), os psicanalistas reinventaram sua prática, tanto nos consultórios particulares quanto nas instituições. As modalidades de trabalho com os autistas precisavam levar em consideração “a absoluta supremacia do real na constituição desses sujeitos” (PADILLA & LHULLIER, 2012, p.129) e as especificidades da transferência nessa clínica.

Com o estudo do estatuto da alteridade realizado nesta dissertação, podemos circunscrever algumas balizas de um trabalho com autistas orientado pela psicanálise, principalmente no que diz respeito à posição do analista frente a esses sujeitos. Uma delas é a necessidade de que o analista crie meios de apagar sua própria presença, de não se ocupar demasiadamente desses sujeitos, conforme indicou Lacan (1975/1998). Se apostarmos, seguindo ainda a indicação de Lacan (1975/1998), que há, certamente, algo a lhes dizer, é também um desafio para o analista encontrar maneiras de esvaziar sua fala de demanda, de apagar da fala sua dimensão objetual da voz que, como vimos, causa horror a esses sujeitos.

Por meio do estudo dos objetos autísticos e do uso que alguns autistas de alto nível fizeram destes, pudemos lhes atribuir um papel essencial nessa clínica, visto que seu uso permite muitas vezes que os autistas tratem o excesso de gozo do próximo. Pelo fato de estarem relacionados à singularidade do sujeito, esses objetos não devem ser pré-determinados pelo analista. No entanto, se levar em conta o interesse e a eleição de objeto de cada sujeito, o analista pode lhe oferecer, por exemplo, um espaço privilegiado, como é o caso do dispositivo das oficinas (MONTEIRO, 2015).

O estudo do duplo nos orienta em relação à transferência e posição do analista. O clínico pode, a princípio, apoiar-se no duplo, mas sem encarná-lo. Se o analista encarna o duplo em uma presença excessiva, pode suscitar efeitos transferenciais negativos, tais como ideias de fusão ou intrusão (PERRIN, 2009). Ele deve consentir em estabelecer a transferência pela via do duplo, mas oferecer-se como um novo parceiro do sujeito, fora da reciprocidade imaginária. Sua posição está mais-além do duplo: ele deve ser suporte do duplo como via do tratamento do gozo e como via para a construção do Outro de síntese (PERRIN, 2009).

A partir dessas balizas, algumas modalidades clínicas puderam ser nomeadas. Segundo Monteiro (2015), as *oficinas* são um espaço privilegiado para o tratamento dos objetos pois operam com sua materialidade e, assim, inscrevem-se como atividades de circunscrição de gozo.

Jean-Robert Rabanel (2011) propõe uma *clínica do objeto a*, fundada na inexistência do Outro. Trata-se, ele esclarece, de uma clínica positiva do gozo, que considera o gozo mais-além do Édipo e do gozo fálico. A consequência importante dessa clínica seria a aposta no laço social a partir do gozo de língua e do objeto voz, não a partir do Outro: “Esses sujeitos não se civilizam pelas normas que nós desejamos aplicar a eles a todo custo, mas sobretudo pelo tratamento da relação com o objeto, nesse caso o objeto voz (...)”¹⁷ (RABANEL, 2011, p.70, tradução nossa).

Nesse sentido, Laurent (2014) sugere uma orientação pela *desespecialização* (ibid., p.125), na contramão das abordagens cognitivo-comportamentais, que buscam a especialização das aprendizagens e padronizam as modalidades de relação do sujeito com a instância da letra. Uma instituição orientada pela psicanálise lacaniana, por outro lado, adapta suas atividades e programas visando à desespecialização da instância da letra, tal como ela se manifesta nos autistas. Laurent (2014) dá importância ao modo como o sujeito viveu seu mergulho no banho de linguagem, qual resposta específica ele deu, com seu corpo, a esse acontecimento traumático, o que ele chamará de *instância da letra tronco* (ibid., p.127). O analista deve tomar, por exemplo, o berro da criança muda como um sintoma a ler, um signo que revela o trauma sobre o corpo, com a aposta de que ele possa se diversificar. Trata-se de uma intervenção constante do corpo do outro, um corpo que seja presença suportável para esses sujeitos (LAURENT, 2014).

A prática entre vários foi o nome que Jacques-Allain Miller atribuiu à modalidade clínica fundada por Antonio Di Ciaccia na instituição belga Antenne 110, onde eram atendidos casos graves de autismo e psicose na infância e adolescência. Di Ciaccia (2010) estrutura esse dispositivo sobre quatro eixos: (1) a parceria que cada membro da equipe com as crianças e seu sofrimento, não a partir de sua especialidade, mas a partir de seu desejo; (2) a reunião de equipe, pela criação de um espaço onde cada um à sua maneira possa falar da criança, pela separação dos membros da equipe de um saber que cada um acredita ter obtido e instauração de um saber que espera sempre verificação clínica e assim abre espaço para a subjetividade da criança, por ser um espaço onde os ditos de cada um da equipe são levados em consideração e pela sua função em relação à elaboração de um saber; (3) o papel do responsável terapêutico¹⁸ (ibid., p.100), cuja função principal é sustentar um vazio de saber. Longe de ocupar um lugar de mestria, o responsável terapêutico tem uma posição semelhante

¹⁷ “Ces sujets ne se civilisent pas par des normes qu’on voudrait leur faire appliquer à tout prix, mais plutôt par Le traitement Du rapport avec l’objet, ici la voix (...)”

¹⁸ O responsável por essa função nas instituições brasileiras é comumente chamado de supervisor.

àquela que Lacan designou por mais-um nas atividades de cartel; (4) a referência teórico-clínica, que é aquela da psicanálise freudiana conforme o ensino de Jacques Lacan e sob orientação de Jacques-Allain Miller. Foi uma prática elaborada a partir das especificidades que a clínica com crianças e adolescentes autistas e psicóticos apresenta e serve como modelo para muitas instituições de orientação psicanalítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o momento de concluir o percurso da pesquisa aqui apresentada, buscaremos extrair alguns de seus desdobramentos. Eleger como tema o estatuto da alteridade nos autismos impôs para nós algumas dificuldades, devido principalmente à impossibilidade de dissociarmos, na psicanálise, teoria e clínica. Mais do que ninguém, os autistas evidenciam que qualquer teoria que pretenda dar conta da multiplicidade clínica com a qual nos deparamos, à maneira de um saber fechado e previamente constituído, está fadada ao fracasso. Se, por um lado, temos a impossibilidade de tomar a psicanálise como um saber constituído a ser aplicado, por outro, somente orientados por sua ética podemos sustentar a aposta no sujeito, fazer ofertas que levem em conta modos de gozo singulares e manter aberta a via de mão dupla entre clínica e teoria.

Nesse sentido, investigamos no primeiro capítulo o estatuto do Outro e suas consequências para a clínica das psicoses e autismos. Vimos que há um deslocamento do conceito de Outro operado no ensino de Lacan: um primeiro momento, em que o Nome-do-Pai, enquanto significante da lei do Outro inscrito no Outro, seria garantia de uma ordem simbólica consistente, e um segundo momento, da incompletude e inconsistência do Outro, que não é mais considerado prévio ao sujeito, mas sempre uma construção.

Além de uma reforma na maneira que Lacan entendia o Outro, vimos também outro deslocamento que se dá pela introdução do conceito de lalíngua. O inconsciente estruturado como uma linguagem passa a um segundo tempo lógico, antecedido por um saber-fazer com lalíngua. Tais deslocamentos têm consequências na maneira que entendemos as psicoses e os autismos, que não colocará mais o acento em uma falha em relação à estruturação da neurose, mas na maneira como cada um lida com o trauma de nascer mal-entendido (LACAN, 1980). Como veremos, os autistas atestam que há significante independente do Outro, há Um, e que isso tem efeito de gozo sobre o corpo. Por não terem negativizado o gozo por meio dos significantes, os autistas não efetuaram a varredura de gozo que marca a passagem do próximo ao Outro. Assim, as construções apresentadas nesse primeiro capítulo muito se aproximaram da posição de Rosine e Robert Lefort (2003) a respeito do modo de apresentação da alteridade para os autistas: sem especularidade e divisão do sujeito, os autistas encontram em cada outro um duplo, iminência de gozo, já que os significantes não operaram a varredura de gozo que fundaria o Outro.

Esse primeiro ponto de chegada apontou para nós uma diferença entre autismos e psicoses, a qual nos pareceu importante. Foi como efeito dessas primeiras construções que

decidimos pesquisar as especificidades dos autistas em relação ao campo das psicoses, defendendo uma distinção entre os dois.

Uma das importantes indicações que destacamos aqui foi a de que, enquanto na psicose as regras são rejeitadas e podem ter efeito de anulação ou perseguição do Outro, para os autistas as regras são apaziguadoras, pois colocam alguma ordem no caos do mundo externo. Nesse momento em que a inclusão escolar de crianças autistas e psicóticas é uma questão amplamente debatida, não podemos deixar de recolher as contribuições que nossa discussão pode trazer para o tema. Que a psicanálise não se proponha a ser pedagógica não impede que seus métodos tragam grandes contribuições à aprendizagem dessas crianças. Maleval (2015) entende que a ausência de diagnóstico diferencial impede que haja uma leitura psicanalítica mais original do autismo e uma maior abertura a métodos pedagógicos apropriados. O aparente sucesso de algumas abordagens exclusivamente pedagógicas, segundo o psicanalista, pode ser justificado pela busca dos autistas por códigos e pelo apoio sobre o duplo. Seu fracasso, no entanto, tem relação com a negligência da singularidade, das invenções de cada um e com o menosprezo do interesse pelos objetos.

As duas principais especificidades dos autistas – a recusa em ceder o gozo da voz e o retorno do gozo sobre a borda –, permitiram que se delimitasse algo de constante nos autistas, cujos efeitos podem ser preciosos no manejo clínico. A maneira pela qual a palavra afeta esses sujeitos nos indica que é preciso encontrar maneiras de se dirigir a eles sem que isso implique uma demanda – esvaziar a fala de dizer. Por outro lado, também permite que os auxiliemos a encontrar formas de comunicar sem que isso seja vivido como uma experiência de mutilação. Com sua tese do retorno do gozo sobre uma borda, Laurent nos sugere que devemos encontrar maneiras de afrouxar, tornar menos rígida a borda pela qual os autistas de protegem, a fim de criar um espaço de trocas, no qual o uso dos objetos se torna indispensável.

Esforçar-se para entrar em relação com um sujeito autista, confrontar-se com esse impossível, com esse real, a partir de uma perspectiva psicanalítica, supõe apelar à invenção de uma solução particular sob medida. Com efeito, a invenção é o único “remédio” do sujeito autista e deve incluir, a cada vez, o resto, ou seja, o que permanece no limite de sua relação com o Outro: seus objetos autistas, suas estereotípias, seus duplos (LAURENT, 2014: 78).

Tanto nos testemunhos que muitos autistas puderam escrever quanto na clínica, observamos que esses sujeitos tendem a se fechar em um mundo mais seguro, onde, como aponta Maleval (2012), o sonoro e o escópico são utilizados como gozo autossensual, mas, ao mesmo tempo, a solidão traz sofrimento a eles e os faz querer investir no mundo externo, com tentativas de comunicação. Higashida (2014) relata que adquirir a capacidade de se comunicar

através de uma prancha de alfabeto, por mais penoso que tenha sido, foi muito importante porque fez com que ele sentisse que vivia como um ser humano.

Estudar os objetos autísticos, o duplo e o Outro de síntese, foi a maneira que encontramos de examinar de que forma elementos tão presentes na clínica com autistas pode ajudá-los a sair do isolamento em que se encontram. Para isso, os testemunhos deles se mostraram indispensáveis. Ter acesso ao que alguns autistas puderam relatar sobre seu passado, bem como mostrar de que forma suas invenções os tiraram do isolamento, foi extremamente enriquecedor para o desenvolvimento dos conceitos apresentados aqui.

Maleval (2003) levanta a hipótese das obras realizadas pelos autistas produzirem um lugar-tenente que porte a marca de seus inventores, testemunhando assim uma certa entrada em jogo da função do traço unário, que funda o sujeito em sua diferença por comparação a todo ser. Esse pode ser o caso de objetos complexos que eles inventam, tal como Grandin inventou sua máquina, e também das obras de arte que produzem ou livros que escrevem.

Donna Williams parece concordar com a hipótese do psicanalista. Atualmente, podemos ter notícias dela por meio de sua página da internet¹⁹, na qual a maioria das postagens são assinadas por “Polly Samuel, aka (*as known as*) Donna Williams”. Polly, ela explica em seu livro (WILLIAMS, 1992/2012), era o nome que seu pai usava para se referir a ela quando criança, um nome que fazia referência aos papagaios e, portanto, à ecolalia que ela manifestava. Samuel é o sobrenome de seu marido Chris, com quem vive há dezessete anos. Em 2011, Donna Williams tratou um câncer de mama, mas em setembro de 2016 descobriu que o câncer havia voltado e havia metástase no fígado, sem chances de cura. Desde então, vem escrevendo textos sobre sua própria morte, que vão desde agradecimentos a seu marido e à vida que compartilharam, até os lugares onde serão jogadas suas cinzas. Em um de seus vídeos, ela diz que não acredita em vida após a morte ou em reencarnação, mas sente que estará viva naqueles que a conheceram, bem como em suas obras de arte, suas palestras, seus livros.

Em último lugar, achamos importante trazer aqui uma observação feita por Miller (2003) sobre o risco de idealizarmos as invenções. A arte literária de James Joyce – seguindo a hipótese lacaniana de se tratar de um psicótico – e a máquina do abraço de Temple Grandin, por exemplo, são invenções geniais que trouxeram enormes contribuições à clínica e muito nos ensinam sobre as psicoses e os autismos. No entanto, não podemos tomá-las como um modelo a ser alcançado. Muitos psicóticos ou autistas não chegarão a fazê-las ou farão o que

¹⁹ blog.donnawilliams.net

Miller (2003) chamou de invenção fracassada e, ainda assim, há tratamento possível para esses sujeitos.

Ainda, em tempo, apontamos para o surgimento de novas questões que não puderam ser abordadas, bem como de conceitos que foram apontados, mas não foram devidamente explorados nesta dissertação. Destacamos que um estudo mais aprofundado da topologia lacaniana, especialmente a dos nós, poderia nos dar maiores esclarecimentos sobre os temas abordados. Além disso, em muitos momentos esbarramos nos conceitos de letra e escrita, mas não os tomamos como objeto de estudo por entender que isto demandaria um percurso mais longo e poderia nos afastar do tema da alteridade. Esperamos que, no futuro essas e outras questões possam ser elaboradas e possam colaborar ainda mais com o estudo psicanalítico da questão da alteridade nos autismos.

REFERÊNCIAS

- AFLALO, A. **Autisme: nouveaux spectres, nouveaux marchés**. Paris: Le Champ freudien, 2012.
- ANSERMET, F. & GIACOBINO, A. **Autismo: a cada um seu genoma**. Petrópolis: KBR, 2013.
- BAIO, V. & KUSNIEREK, M. L'autiste: un psychotique au travail. **Preliminaire**: Revue de l'Antenne 110, 5. Bruxelles, 1993.
- BARRON, J. & BARRON, S. **There's a boy in here**: emerging from the bonds of autism. Arlington: Future Horizons, 1992.
- BARROSO, S.F.. **As psicoses na clínica com crianças: o corpo sem a ajuda de um discurso estabelecido**. 2012. 274f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- BASTOS, A. A voz na experiência psicanalítica. *Revista Ágora*, vol. XVII, n.1, jan/jun 2014, pp: 59-70. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v17n1/a04v17n1.pdf>> Acesso em: 22 nov. 2016.
- BELAGA, G. Las psicosis infantiles: del "autismo" a la psicotización. **Virtualia – Revista digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana**, ano IV, n.16, fev-mar 2007. Disponível em: <<http://virtualia.eol.org.ar/016/default.asp?formas/belaga.html>> Acesso em: 20 dez 2016.
- BETTELHEIM, B. **The empty fortress**: Infantile Autism and the Birth of the Self. New York: The free press, 1967.
- BRODSKY, G. A loucura nossa de cada dia. **Opção Lacaniana online**, 12, nov. 2013, pp. 1-42. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_12/a_loucura_nossa_cada_dia.pdf> Acesso em: fev. 2016.
- DI CIACCIA, A. À propos de la pratique à plusieurs. In.: B. Halleux, **Quelque chose à dire à l'enfant autiste: pratique à plusieurs à l'Antenne 110**. Éditions Michèle: Paris, 2010.
- DREYFUSS, J-P. Remarques sur das Ding das l'Esquisse. **Revue de Psychanalyse Littoral**, 6, oct.1982, pp.48-65. Disponível em: <<http://www.epel-edition.com/epuises/Littoral6.pdf>> Acesso em: Ago. 2015.
- FREUD, S. (1894) As neuropsicoses de defesa. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1895) Projeto para uma psicologia científica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume I. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.335-454.
- _____. (1896) Carta 52. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume I. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.281-287.

_____. (1914) À guisa de introdução ao narcisismo. In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. (L. A. Hanns, trad.). Rio de Janeiro: Imago, 2004, pp. 95-131.

_____. (1915) O inconsciente. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.165-222.

_____. (1918[1914]) História de uma neurose infantil. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.14-127.

_____. (1919) **O estranho**. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.234-273.

_____. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1923[1924]) Neurose e Psicose. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 163-171.

_____. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 202-209.

_____. (1926[1925]) Inibições, sintomas e ansiedade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.80-173.

_____. (1930[1929]) **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

GRANDIN, T. & SCARIANO, M.M. (1986) **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. 4ª Ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2014.

_____. (2010) Temple Grandin: The world needs all kinds of mind. **TED Talks**.

Disponível

em:<https://www.ted.com/talks/temple_grandin_the_world_needs_all_kinds_of_minds#t-170286> Acesso em: 06 dez 2016.

HIGASHIDA, N. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

KANNER, L. (1943) Autistic Disturbances of Affective Contacts. **The Nervous Child**, 2, pp.217-250.

LACAN, J. (1932) **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. (1946) Formulações sobre a causalidade psíquica. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 152-194.

_____. (1955-56). **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988.

_____. (1957-58). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

_____. (1958) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp.537-590.

_____. (1958-59) **O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2016.

_____. (1959-60). **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

_____. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp.807-842.

_____. (1961-62) **O Seminário, livro 9: a identificação**. (não publicado)

_____. (1962-63). **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

_____. (1967a) **Alocução sobre as psicoses da criança**. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pp.359-368.

_____. (1967b) **Petit discours aux psychiatres de Sainte-Anne**. Publicação inédita. Disponível em: < <http://www.psychasoc.com/Textes/Petit-discours-aux-psychiatres-de-Sainte-Anne> > Acesso em: Dez. 2016.

_____. (1968-69) **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1969-70) **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. (1970) Radiofonia. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pp.400-447.

_____. (1972-73) **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1973) O aturdido. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pp. 448-500.

_____. (1975) Conferência em Genebra sobre o sintoma. **Opção Lacaniana**, São Paulo, Eólia, v.23, p.6-16, mai. 1998.

_____. (1975-76) **O Seminário, livro 23: o sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. (1980) Le Malentendu. **Ornicar?** Revue du Champ Freudien, 22/23. Paris: Colectif, 1981.

LAURENT, É. Discussion. **Séries de la decouverte freudienne**, n.8, 1992, pp.151-157.

_____. Réflexions sur l'autisme. In. **L'autisme Bulletin 10 Groupe Petite Enfance**, Paris: Nouveau Réseau Cereda Diagonale Francophone, 1997, pp.40-45.

_____. O que nos ensinam os autistas. In: A. Murta, A. Calmon & M. Rosa (orgs.) **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Rio de Janeiro: Scriptum, 2012, pp.17-44.

_____. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

LAZNIK, M-C. **Rumo à Palavra**. São Paulo, Escuta, 1997.

LEFORT, R. & LEFORT, R. (1980) **Nascimento do Outro: duas psicanálises**, Nadia, 13 meses, Marie-Françoise, 30 meses. 2ª Ed. Salvador: Fator, 1990.

_____. **La distinction de l'autisme**. Paris: Le Seuil, 2003.

MALCHER, F. **Os impasses do laço social na psicose**. 2011. 100f. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MALEVAL, J.-C. J.-C Ébauche d'une approche de la spécificité de la psychose autistique. In. **L'autisme Bulletin 10 Groupe Petite Enfance**. Paris: Nouveau Réseau Cereda Diagonale Francophone, 1997, pp. 136-138.

_____. De l'objet autistique à la machine: les suppléances du signe. In: F. Hulak (dir.) **Pensée psychotique et création de systèmes: la machine mise à nu**. Ramonville Saint-Agne: 2003, pp.197-217.

_____. "Sobretudo verbosos", os autistas. In: **Latusa - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro**, v. 12., pp. 69-91, 2007.

_____. Os objetos autísticos complexos são nocivos? **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, vol. 15, nº. 2, 2009a, pp. 223-254. Disponível em: <<http://www.periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/download/897/878>> Acesso em: dez. 2015.

_____. **L'autiste e sa voix**. Paris: Éditions du Seuil, 2009b.

_____. Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. In: A. Murta, A. Calmon & M. Rosa (orgs.) **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Rio de Janeiro: Scriptum, 2012., pp.45-69.

_____. Por que a hipótese de uma estrutura autística? **Opção lacaniana online**, ano 6, n.18, 2015. ISSN 2177-2673 Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_18/Por_que_a_hipotese_de_uma_estrutura_autistica.pdf> Acesso em: nov. 2015.

_____. O que existe de constante no autismo? **CliniCAPS**, V.4, n.11, 2010. Disponível em: <http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_11/Revista%2011%20-%20art1.pdf> Acesso em: nov. 2015.

- MILLER, J.-A. Comentario del seminario inexistente. In: J.-A. Miller; D. Bleger; S. B. Cagliolo; L. Casenave; A. Fryd; R. Ileyassof; G. Lombardi; R. Nepomiachini; R. Seldes y L. Tudanca. **Comentario del seminario inexistente**. Buenos Aires: Manantial., 1992.
- _____. Forclusion généralisée. **Revue de l'ACF-VLB**, Cahier n° 1, automne 1993.
- _____. Os seis paradigmas do gozo. **Opção lacaniana online**, n. 7, ano 3, 2012. pp. 1-49. Disponível em: <http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf> Acesso em: Jul 2015.
- _____. Jacques Lacan e a voz. **Opção Lacaniana online**, n.11, jul. 2013a. pp. 01-13. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf> Acesso em: dez. 2016.
- _____. O Outro sem o Outro. **Opção Lacaniana**, n.67, dez. 2013b. pp. 17-30. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/dr/orientacao/orientacao005.asp>
- _____. A invenção psicótica. **Opção Lacaniana**, n.36, mai. 2003, pp. 6-16.
- MONTEIRO, K.A.C. **O autista e seus objetos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- MPASP. **Carta de princípios do Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública**. 2013. Disponível em: <<https://psicanaliseautismoesaudepublica.wordpress.com/about/>> Acesso em: jan. 2015.
- PADILLA, R.; LHULLIER, L. Autismo: uma leitura para além dos limites do simbólico. In: A. Murta, A. Calmon & M. Rosa (orgs.) **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Rio de Janeiro: Scriptum, 2012., pp.117-134.
- PEIRCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PERRIN, M. Construction d'une dynamique autistique de l'autogire à la machine à laver. In: J.-C. Maleval (Org.), **L'autiste, son double et ses objets**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009, pp. 69-100.
- SCHOVANEC, J. **Je suis à l'est**. Paris: Pocket, 2016.
- STAVY, Y-C. Autismo generalizado e invenções singulares. In: A. Murta, A. Calmon & M. Rosa (orgs.) **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Rio de Janeiro: Scriptum, 2012, pp.71-88.
- TAMMET, D. **Born on a blue day: inside the extraordinary mind of an autistic savant**. New York: Free Press, 2006.
- TUSTIN, F. (1990) **The Protective Shell in Children and Adults**. Londres: Karnac Books, 1992.
- VIEIRA, M.A. Signo e significante. In: **Scilicet - Sinthoma e Semblantes**, São Paulo, EBP, 2009, pp. 336-340.
- VIEIRA, M.A.; BARROS, R.R. **Mães**. Rio de Janeiro: Subversos, 2015.

WILLIAMS, D. (1992) **Meu mundo misterioso**: testemunho excepcional de uma jovem autista. Brasília: Thesaurus, 2012.

WILLIAMS, D. (2016) **On living, dying and metastatic breast cancer**. Disponível em: <<http://blog.donnawilliams.net/2016/11/18/on-living-dying-and-metastatic-breast-cancer/>> Acesso em: Jan. 2017.